

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE FILOSOFIA

Joás de Jesus Ribeiro

**JEAN-JACQUES ROUSSEAU: CRÍTICA À REPRESENTAÇÃO TEATRAL COMO
METÁFORA À REPRESENTAÇÃO SOCIAL**

São Luís
2013.2

JOÁS DE JESUS RIBEIRO

**JEAN-JACQUES ROUSSEAU: CRÍTICA À REPRESENTAÇÃO TEATRAL COMO
METÁFORA À REPRESENTAÇÃO SOCIAL**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia, sob orientação do Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha.

**São Luís
2013.2**

Ribeiro, Joás de Jesus.

Jean-Jacques Rousseau: crítica à representação teatral como metáfora à representação social / Joás de Jesus Ribeiro. – 2013.

55 F.

Impresso por computador (foto cópia).

Orientador: Luciano da Silva Façanha.

Monografia (graduação) – Universidade Federal do Maranhão, Curso de Filosofia 2013.

1. Filosofia – Rousseau
2. Teatro
3. Sociedade
4. Espetáculo
5. Representação.

CDU 1 Rousseau

JOÁS DE JESUS RIBEIRO

**JEAN-JACQUES ROUSSEAU: CRÍTICA À REPRESENTAÇÃO TEATRAL COMO
METÁFORA À REPRESENTAÇÃO SOCIAL**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do
Curso de Filosofia da Universidade Federal do
Maranhão, como requisito para obtenção do grau de
Licenciado em Filosofia, sob orientação do Prof. Dr.
Luciano da Silva Façanha.

Aprovado em: ___/___/___

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha (Orientador) UFMA

Prof^a. Ms^a. Maria Olilia Serra (Defil-UFMA)

Prof^a. Dr^a. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho (Defil-UFMA)

Dedico a minha família que me apoiou e incentivou, em especial aos meus pais: Mariluze de Jesus Ribeiro e Euzébio dos Santos Ribeiro. Também a minha irmã Miriã de Jesus Ribeiro, e a todos pelo companheirismo e afeto.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, especificamente, à minha mãe Mariluze de Jesus Ribeiro, meu pai Euzébio dos Santos Ribeiro, minha irmã Miriã de Jesus Ribeiro, ao meu bisavô Raimundo Nonato Basílio dos Santos (*In Memoriam*).

À minha tia Luzinete Pinheiro, minha avó Maria de Jesus Pinheiro e minha prima Dâmile dos Santos.

Aos amigos Rafael Sousa, Raul Reis, João Batista, Karla Cristina Sousa, Monalisa Pissarro, Karlyne Vale, Hellen Valéria, Francisco Assis, Igor Tiago da Silva. Ao meu orientador Professor Dr. Luciano da Silva Façanha e a professora mestre Maria do Socorro Gonçalves.

Quanto mais eu penso, mais acho que tudo o que se representa no teatro não se aproxima de nós, mas se afasta.

Jean-Jacques Rousseau.

RESUMO

No teatro uma pessoa pode ser representada por uma personagem, alguém se reconhecendo através de outros olhares, e observando a si próprio como possuidor por inteiro daquelas características demonstradas nas peças, porém isto não era visto com bons olhos por Rousseau. Inclusive criticou essa postura, para o filósofo a sociedade civil não deveria ser representada em palcos de teatros fechados, mas apresentada em espetáculos onde o cidadão pudesse ocupar o espaço público das festas cívicas demonstrando sua habilidade artística. Portanto, haveria liberdade de participação de cada indivíduo cívico na reunião promotora das diversões, sem ser um peso para o Estado, as famílias e os amigos. Ainda facilitando o romance de bons amantes, além de realçar a virtude dentro do seio de uma pátria forte de bons guerreiros, sendo adquirida uma transparência dentro de uma civilidade corrompida, que impõem máscaras e exige uma representação.

Palavras-chave: Teatro. Sociedade. Espetáculos. Virtude. Representação.

ABSTRACT

In theater, a person can be represented by a character, someone recognizing through other eyes, and seeing himself as possessing those traits demonstrated by all the parts, but this was not seen with good eyes by Rousseau. Even criticized this stance, for the philosopher civil society should not be represented on the stages of theaters closed, but presented in shows where the citizen could occupy the public space of civic festivals demonstrating their artistic ability. Therefore, there would be freedom of each individual civic participation at the meeting promoter of amusement, without being a burden to the state, families and friends. Still facilitating good romance lovers, and highlight the virtue within the bosom of a strong homeland warriors of good, and acquired a transparency within a corrupt civilization, imposing masks and requires a representation.

Keywords: Theatre. Society. Shows. Virtue. Representation.

SUMÁRIO

. INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I: A IMITAÇÃO E O VERDADEIRO.....	19
1.1. A verossimilhança no espetáculo.....	19
1.2. O teatro fechado europeu.....	21
1.3. Inocência e infância de Rousseau e sua experiência com a verdade.....	22
CAPÍTULO II: O PROBLEMA DA REPRESENTAÇÃO NA SOCIEDADE E SUAS RELAÇÕES DE PODER.....	25
2.1. A verossimilhança e os papéis na sociedade.....	25
2.2. A natureza do ator.....	26
2.3. Do poder representativo.....	29
2.4. Da corrupção nas representações, o exemplo da República Romana e o futuro político de Genebra.....	31
CAPITULO III: OS DIVERTIMENTOS NOCIVOS AOS CIDADÃOS.....	34
3.1. A invasão artística estrangeira.....	34
3.2. Os cativos do divertimento e a perda dos bons costumes.....	36
3.3. Os guerreiros sem a virtude.....	40
CAPITULO IV: O DIVERTIMENTO IDEAL AOS GENEBRINOS.....	44
4.1. O teatro sagrado e o profano.....	44
4.2. O bom costume do lazer no trabalho.....	46
4.3. As festas cívicas.....	49
. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55

INTRODUÇÃO

O filósofo Jean-Jacques Rousseau analisou a postura da sociedade do século XVIII considerando o seu contexto histórico-cultural e a tradição filosófica de seu período, o seu projeto crítico é manifestado em romances, cartas e outros tipos de escritos. Reconhecido como um rival dentre seus colegas, suas considerações possuíram embasamentos capazes de abalar linhas de pensamentos divergentes. Aberto ao diálogo com seus opositores, a sua pesquisa trouxe grandes contribuições para o Ocidente e influenciou linhas de pesquisas posteriores. Dentre as observações feitas pelo pensador está o conceito de representação. Na *Carta ao senhor D'Alembert sobre os espetáculos* a ideia torna-se mais elucidada sendo possível identificar a problemática envolvida nas críticas que são apresentadas durante outras obras. São demonstradas as formas de representação dentro de uma sociedade, dentre as quais se daria destaque a representação teatral ou representação no palco. O que possibilitou o efeito representativo na sociedade foi o discurso metafórico, presente por intermédio das artes. A preocupação com a corrupção capaz de destruir os homens e impor uma degeneração, resultado de um progresso descomprometido, ocupa o cerne das questões apresentadas, sendo, portanto a fundamentação das críticas. A tradição referente aos primórdios do teatro são bem elucidadas durante o Iluminismo, é inevitável pensar sobre as formas artísticas sem remeter aos antigos. Antes de apresentar os resultados de sua investigação Rousseau demonstrou breves relatos da origem das tradições que assumiram maior destaque no período das Luzes. Tradição de raízes greco-romanas que foram modificadas durante a Idade Média, especificamente por uma nova postura religiosa adquirida no Ocidente, o cristianismo. A conduta moral não passou despercebida, porque se apresenta ligada aos costumes de um povo. Segundo o filósofo preservá-las possui uma utilidade para os que fazem parte de uma sociedade bem constituída.

A exaltação da razão e a valorização do pensar científico fizeram uma civilização avançar. Diante desse cenário quando alguns concordavam com as verdades reveladas da razão, surgiu um filósofo crítico do pensamento de sua época. Seu pensamento é peculiar em relação a algumas concepções de seu tempo, isso referente à sua postura diante às ciências e as artes. Alguns acreditavam que a razão havia alcançado seu apogeu e tudo podia ser descrito em uma grande obra que abarcaria todos os problemas e implicações que foram durante muito

tempo alvo dos questionamentos humanos, a obra chamava-se: *Enciclopédia*¹, o empreendimento mais famoso do Iluminismo.

Nela foram discutidos e apresentados os assuntos e produções do conhecimento humano. Rousseau foi convidado para falar de música, uma de suas paixões, além da botânica, política e artes cênicas que também faziam parte dos seus estudos e interesses.

O filósofo suíço falante da língua francesa toma a cena na discussão sobre o teatro ao escrever uma carta destinada ao Senhor D'Alembert, criticando seus comentários feitos no volume VII, verbete *Genebra* da *Enciclopédia*, onde era exortada a cidade por não possuir apresentações teatrais. Rousseau defendeu a decisão da cidade e apoiou a proibição da instalação de um teatro em Genebra. Como diz Rousseau na carta ao enciclopedista:

Além desses efeitos do teatro, relativos às coisas representadas, outros há não menos necessários, que se relacionam diretamente com o palco e com as personagens que representam, e é a esses que os já citados genebrinos atribuem o gosto pelo luxo, pelos enfeites e pela dissipação, cuja introdução em nossa cidade temem, com razão.²

O que de inicial pareceu estranho, porque o teatro era algo apetecível por Jean-Jacques, e é importante dizer que a crítica de Rousseau não era ao teatro em si, mas ao modelo que a França estava acostumada, que era o *teatro fechado*³. Nesse modelo os homens não eram livres, mas presos às paixões, vícios e o gosto pelo luxo. Segundo afirmava, como algo desnecessário para uma cidade onde se vive em paz e tranquilidade sobrevivendo apenas de coisas simples.

Uma república não precisa aprisionar seus cidadãos nos tempos livres com diversões que são efêmeras e nada contribuem para a vida cívica dos homens, que já nascem condenados a viverem em meio à corrupção de suas naturezas, mas podiam ser bons e felizes no pouco. A França era decadente exatamente por ter deixado o gosto pelo luxo subir ao palco e convencer multidões que seria bom viver buscando prazer no luxo, para suprir a falta de algo, que só a inocência é capaz de preservar vivendo em simplicidade. Ainda na Carta Rousseau faz as seguintes observações sobre os genebrinos, em citação:

¹ Também chamada de *Encyclopédie*, uma coleção de obras que tinha como objetivo transmitir e organizar todo conhecimento e tradição, científica, artística e cultural da humanidade, é considerado o maior empreendimento do século XVIII.

² Rousseau, J-J. **Carta a D'Alembert sobre os espetáculos**. Tradução: Roberto Leal Ferreira, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. p.73.

³ Mesmo sendo reconhecido na carta como modelo francês, a sua verdadeira origem é inglesa, não existiam muitos teatros nesses períodos e os poucos existentes eram muitos famosos, um exemplo de teatro fechado, era o já demolido: *The Globe* construído na época elisabetana, onde William Shakespeare apresentou obras consagradas como Hamlet.

O genebrino ama excessivamente o campo: podemos verificar isso pelas quantidades de casas espalhadas ao redor da cidade. A atração da caça e a beleza das cercanias alimentam esse gosto salutar. Como as portas, fechadas durante as noites, tiram a liberdade de passear fora e como as casas de campo ficam tão perto, muito poucas pessoas abastadas dormem na cidade durante o verão. Tendo passado o dia com seus negócios, cada qual parte à tarde, ao fechar das portas, e vai em seu pequeno retiro respirar o mais puro ar gozar da mais encantadora paisagem que existe sob o céu. Há até muitos cidadãos e burgueses que moram ali durante todo o ano, e não tem residência em Genebra. Tudo isso são perdas para o teatro, e durante todo o verão quase que só restarão, para sustentá-lo, pessoas que lá nunca vão. Em Paris, tudo é completamente diferente: alia-se muito bem a comédia com o campo; e durante todo o verão só se veem, ao término dos espetáculos, carruagens que saem das portas. Quanto às pessoas que dormem na cidade, a liberdade de sair a qualquer hora os tenta menos do que desencorajam os incômodos. Cedo a gente se cansa dos passeios públicos, é preciso ir procurar tão longe o campo, o ar está tão empestado de imundície e a vista é tão pouco atraente, que se prefere ir trancar-se no teatro.⁴

Além dos contrastes entre o cenário das cidades parisiense e genebrina, em Rousseau, por exemplo, o olhar de um genebrino camponês que nunca foi ao teatro é mais puro que um francês civilizado conhecedor de grandes obras e peças, isso acontece porque o gosto pode ser o culpado pelo sofrimento, dependendo daquilo apreciado, como no caso da França, o luxo. Na carta endereçada à D'Alembert, Rousseau enumera os prejuízos de uma república ao aceitar um teatro desse modelo nocivo e destruidor de pureza e bons prazeres, gerador de preocupações fúteis para uma república forte e poderosa como era Genebra.

A repulsa pelo modelo de teatro fechado é provocada devido à falta de liberdade, como se as peças fossem monólogos que isolassem os espectadores do ambiente participativo da manifestação da arte onde a representação tinha o livre arbítrio para manter sua autoridade, castrava-se toda postura e perspectiva que não agradasse, mantendo todos em uma diversão fútil sem vida, fazendo-os meros espectadores.

A representação teatral manifesta seu maior prejuízo, tornando todos dependentes da visão do “outro”, escravos sentados em fileiras e camarotes. Uma construção artificial do convívio, isso na vida simples de um homem não existe, os franceses infelizmente já estavam decadentes, porque se deixaram levar por um palco que os representasse, não os permitindo apresentarem-se a si próprios no espetáculo que deveria ser uma diversão saudável, e se possível voltada à educação, aos bons costumes. Pelo contrário o que se via na França era um monopólio artístico, e a morte de alguns talentos em detrimento de outros.

A filosofia era encontrada em dois importantes lugares do XVIII: o teatro e os salões. Isso acontecia, porque os instruídos e homens de letras debatiam nesses ambientes. Assuntos de fundamentação filosófica geralmente eram apresentados no palco, enquanto a sociedade

⁴ Rousseau, J-J. **Carta a D'Alembert sobre os espetáculos**. Tradução: Roberto Leal Ferreira, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. p. 105.

não passava de mera espectadora de uma metáfora demonstrada em peças representando suas implicações, ou seja, enquanto a filosofia apresentava a si mesma no palco a sociedade não o fazia. Não podendo nem participar e entender por completo o que ali acontecia, se o visse, assimilava como distante do convívio.

O que na verdade todos queriam era diversão, um esquecimento de seus problemas, nada de preocupações e planejamentos para tentar resolvê-los, se fossem dada atenção à filosofia, quando ela se apresentasse no palco, logo acabaria por fim aprendendo. Mas, por que a repulsa a educação nos momentos livres, se a França é formada por um povo bem instruído que deveria sentir prazer em aprender? De fato deveria, mas o modelo de teatro adotado destruiu isto, ainda que a filosofia se apresentasse nesse palco não seria ouvida, porque o luxo, o vício e as paixões suplantaram o desejo por ocupações que faziam parte da vida do francês, dentre elas a educação.

O filósofo diz que o prazer do suíço nas horas livres é fazer o que mais gosta; dedicar-se ao trabalho. Com a instalação do teatro em Genebra, o relojoeiro que vive do seu ofício e dos momentos livres vive para deleitar-se no trabalho, depois do contato com o gosto pelo luxo teria sua ocupação como peso e não mais prazer, e faria o possível para cumprir suas obrigações e se retirar para o luxo, esquecendo o prazer que tivera no passado em seu trabalho. O gosto pelo luxo seria presente naquela sociedade, provocaria o descontentamento dos cidadãos mais simples por não possuírem os direitos aos excessos que foi adquirido por uma elite, de certa forma isso dividiria a harmonia que existiria na cidade, motivando furtos, roubos e corrupção. De fato o gosto pelo luxo é algo desnecessário. O teatro desencadearia efeitos irreversíveis entre os cidadãos como o deleite ao inútil, isso graças às representações, muitos seguiriam os exemplos demonstrados pelas personagens, portanto Rousseau afirma:

Além desses efeitos do teatro, relativos às coisas representadas, outros há não menos necessário, que se relacionam diretamente com o palco e com as personagens que representam, e é a esses que os já citados genebrinos atribuem o gosto pelo luxo, pelos enfeites e pela dissipação, cuja introdução em nossas cidade temem, com razão.⁵

O luxo é inútil, não acrescenta nada de benévolo ao convívio social, a luxúria e comportamentos excessivos ganhariam espaço, o palco influenciaria essas tendências destrutivas. Apresentando modelos e paradigmas que prejudicariam a todos, mas ao mesmo tempo os seduziria.

⁵ Rousseau, J-J. **Carta a D'Alembert sobre os espetáculos**. Tradução: Roberto Leal Ferreira, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. p. 73.

A filosofia encontrada nos salões da Europa, pouco poder de influência ou impacto tinha nesse ambiente, porque novamente encontrava o mesmo adversário dos teatros, o luxo. O qual era bem mais efervescente. Os bailes de máscaras aumentavam a luxúria dos participantes, onde ninguém deixava transparecer o que de fato era, e ao mesmo tempo praticavam aquilo que desejassem. Ao sair dali apenas mudavam de máscaras dentro das atividades cívicas, nunca deixando transparecer o seu “eu”. Pode-se dizer que apenas a inocência de uma criança era capaz de trazer a transparência de uma vida social. Mesmo as máscaras dos bailes ou o pó das maquiagens, e perucas, não superaram a habilidade de esconder alguém, com a própria máscara imposta por uma sociedade civil.

Na crítica à representação, a política passa por um severo crivo de análise. Os cidadãos não necessitam mais de representantes para a atividade política, ninguém deve tomar decisão pelo outro dizendo que fez simplesmente por autoridade outorgada, mas cada um responde por si. A participação resulta no fim dos representantes, na guerra um príncipe não deve enviar seus representantes para batalha, mas ele mesmo ir e empunhar sua espada diante dos seus inimigos. Assim terá uma província ou principado com líderes fortes e valentes que jamais temerão o seu inimigo e viveriam com honra na pátria, Rousseau considera virtuoso o valente que luta pela sua cidade, não um mero mercenário que na oportunidade trai seus irmãos por lucros. O mais prejudicado com os excessos e luxos seria o amor pela pátria. Na obra *Do contrato social ou princípios do direito político*, Rousseau escreve:

Pois o luxo ou é o efeito de riquezas ou as torna necessárias; corrompe ao mesmo tempo o rico e o pobre, um pela posse e outro pela cobiça; entrega a pátria à frouxidão e a vaidade; subtrai do Estado todos os cidadãos para subjugar-los uns aos outros, e todos à opinião.⁶

Os corruptos seriam os beneficiados com essa frouxidão, logo teriam felicidade em comprar a “fidelidade” e “lealdade” dos mais covardes e mentirosos. Os escravos pela vaidade seguiriam a opinião do regime dominante e salteador, que abusaria constantemente das pátrias conquistadas.

Uma nação edificada no luxo sofrerá o peso de ter feito nascer em seus seios traidores, mentirosos e amantes do luxo. Alguém que vive longe do gosto pelo inútil dificilmente trairá sua família, sua pátria e amigos, em benefício de si próprio. Logo, se tem o cenário de combate à corrupção na perspectiva rousseauiana, os interesses pessoais não devem ser maiores que o bem comum, se assim alguém o fizer será um criminoso, e além de outras

⁶ Rousseau, J-J. **Do contrato social ou princípios do direito político**. *Coleção os Pensadores*. Tradução: Lourdes Santos Machado, São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 91.

punições sofrerá a maior de todas: a desonra. Com ela nem seria necessária à execução, considerado desonrado teria que viver com esse peso, uma nação que pune com honra não terá mais duelos e outras desavenças que cause morte. Um político corrupto ao ter sofrido punição com honra não retornará ao poder e se assim o fizer será cauteloso em suas decisões.

O filósofo não era um admirador do teatro de comédia com suas companhias de artistas cheios de vícios e paixões, verdadeiros promotores do gosto pelo inútil. Quem se prezasse não fazia parte desse grupo, logo ao acompanhar era visto como uma pessoa dada à luxúria e o excesso aos prazeres e desejos efêmeros. Deixá-los entrar em uma cidade como Genebra era colocar em risco as famílias, a representação mais nociva é a feita por um artista comediante, porque ele exalta o ridículo, transforma grandes figuras históricas e políticas em motivo de risadas, e consegue fazer todos rirem de homens virtuosos e honrados.

O que para o grego tinha sentido por costume, em outro povo ou nação pode ser ridículo ou assustador. *Édipo rei*⁷ é um exemplo disto, imagine um camponês simples assistindo uma peça, sendo perturbado pelo sentimento da possibilidade de matar o próprio pai e casar-se com a mãe, obviamente isso seria um absurdo, algo nunca antes pensado por ninguém que estava na platéia, logo, todos teriam a perder. Uma ofensa à inocência dos moradores da cidade. A comédia e a tragédia são inventos gregos que só cabiam perfeitamente dentro daquele povo, outra sociedade não estaria preparada para isso, exceto se tivesse tais costumes, o que não acontecia em Genebra.

Sem representantes artísticos, políticos e até religiosos, a moral assume o palco da discussão no cenário constituído por homens que buscam preservar sua honra e seus bons costumes diante de uma sociedade civil desprovida de máscaras e enfeites sendo justa e sincera com os seus cidadãos, a moral não cedera espaço para a corrupção, tornar-se-ia honesto não por imposição, mas porque tudo seria transparente não tendo oportunidade ao engano e mentiras. O espetáculo a céu aberto é melhor que um espaço fechado e sem liberdade, quem souber dançar, dance, cantar, cante. Cada um fazendo o que lhe convém. Se o teatro for instalado e a peça apresentada que seja assim, respeitando os bons sentimentos dos civis, criando um espaço de fato agradável.

A festa cívica criaria boas famílias e fortificaria a relação entre amigos, premiaria a jovem mais bela da província, além de outros reconhecimentos. Na política todos seriam participantes, qualquer cidadão poderia manifestar a sua opinião. Os guerreiros seriam

⁷ Na mitologia grega Édipo é mais uma vítima da sorte dos deuses, a previsão do oráculo, provocou o desespero dos seus pais, que tentaram impedir que se cumprisse a profecia do parricídio e incesto, mas fracassaram, por fim, o jovem matou o pai e casou-se com a própria mãe sem saber que era sua própria família.

virtuosos, verdadeiros amantes da pátria, haveria príncipes fortes e corajosos, e crianças arterias e saudáveis. Quando mais distante da *mimesis*⁸ teatral uma civilização fosse construída, mais fácil seria a vivência nela sem sofrimento por algo inútil e desprezível. Essas observações de Rousseau não se resumem apenas à república de Genebra, mas há várias pátrias e nações que necessitam preservar seus bons costumes.

Tendo como pressuposto a compreensão das relações instituídas entre o teatro e a sociedade, não se buscará um aprofundamento sobre os conceitos e abordagens filosóficas à metáfora ou sentidos metafóricos, mas observações acerca de verossimilhanças e imitação demonstradas de maneira artística. Utilizando os pensamentos de Rousseau em análises estéticas, éticas e políticas, a metáfora concerne em uma ideia tácita na compreensão das Belas-Artes literárias e cênicas. Portanto o rigor filosófico primou à representação e a filosofia no palco.

Deste modo, o capítulo I demonstra a preocupação com a verdade e sua importância, assim como a questão da verossimilhança no espetáculo. Sendo essencial à reflexão sobre o que o filósofo critica no teatro, para isso foi necessário abordar a proposta do polêmico teatro fechado europeu ou teatro francês. A infância de Rousseau também proporcionou vestígios que refletiram em sua vida adulta, e possui uma ligação com o problema do verdadeiro e transparente, ou seja, suas experiências com a sociedade.

No capítulo II, é possível identificar a postura política e apontamentos histórico-culturais, remetendo as tradições de base ocidental, especificamente, o Império Romano. Como Genebra foi colônia de veraneio romana, e lugar estratégico para domínio dos povos bárbaros, certamente absorveu muitos dos ideais latinos, inclusive a organização política de república. Figuras ilustríssimas e bastante conhecidas como o imperador Nero, ajudaram a compreender as preocupações que Rousseau tinha com a inserção de paixões e luxo. A natureza bacante de um ator não deveria servir de exemplo para ninguém quanto mais se fosse governante. Outro problema levantando concerne a questão dos representantes políticos e a participação popular nas atividades da cidade ou república. A vontade geral ou vontade coletiva enfrenta dificuldades mediante a corrupção que por sua vez é resultado dos interesses particulares. No teatro esses sentimentos podem ser manifestados e identificados de acordo com cada época vivida entre os cidadãos.

⁸ O termo aplicado aqui se refere à visão platônica que compreende a criação como imitação da natureza verdadeira (o mundo das Ideias), logo a representação artística do mundo físico seria algo secundário e mais distante da verdade.

O capítulo III trata da virtude como um conceito importante presente na carta à D'Alembert, obviamente não desvinculada de suportes morais, mas reflexivos, voltado para questões cívicas, como o amor a pátria e aos bons costumes. O divertimento em massa e fechado promovidos por governantes descompromissados são armadilhas de controle, ou seja, verdadeiro cativo, não foi por acaso que construíram o Coliseu romano.

O último capítulo ou capítulo IV remete as relações entre: as festividades populares, o trabalho e a fé. Esses temas estão diretamente interligados pelos costumes. Logo, as festividades ou festejos servem para reforçarem os laços de bom convívio entre os moradores da república. O trabalho é o que exalta a dignidade, o seu orgulho, uma espécie de lazer. O filósofo explicou os motivos desse amor genebrino ao ofício, além das razões para preservá-lo. A religião está envolvida em todos os processos de criação da sociedade genebrina, desde os resquícios remotos da tradição pagã até o embasamento da doutrina cristã Católica Apostólica Romana e ramificações posteriores do protestantismo que no período de Rousseau se tornou forte na região, mais precisamente o calvinismo, de um teólogo francês chamado Jean Calvin. A arte foi dividida entre sagrado e profano durante a Idade Média, porém a modernidade, fruto do renascimento, rompeu com essa postura.

O filósofo defendeu uma proposta para as festividades e a convivência na república, pois acreditava que qualquer indivíduo deveria obter o direito de manifestar suas opiniões e talentos, o que “democratizaria” o divertimento e contribuiria para o bem coletivo, implicando inclusive em questões políticas. Essa é uma das principais abordagens da carta do cidadão de Genebra ao senhor D'Alembert, aliás, não somente a esse enciclopedista, mas à filosofia do século XVIII.

CAPÍTULO I: A IMITAÇÃO E O VERDADEIRO

Desde os antigos gregos a imitação ocupou espaços nas discussões, para Platão a própria natureza é uma *mimesis*, portanto a *physis*⁹ possui fatores que podem levar ao engano com facilidade. Apenas através da luz da razão é possível identificar o que pode ser considerado verdadeiro e falso, deixando o afugento das sombras e opacidade. Jean-Jacques defende uma transparência e a proteção da inocência, A corrupção da sociedade por intermédio do engano trouxe consigo a opacidade. O espetáculo não é apenas uma apresentação, mas as relações desenvolvidas entre os homens, que assumem a postura de “atores”,¹⁰ por isso a dificuldade em diferenciar uma representação no palco e uma representação do convívio social.

1. 1. A verossimilhança no espetáculo

É no palco que a representação adquiriu seu principal objetivo: as atenções e prestígios. O representado se confunde com o representando torna-se indistinguível aos olhos de leigos. A imitação está presente quando relacionada à representação da sociedade, porém nem toda representação é uma imitação. A verossimilhança proporciona uma identidade ao público espectador, a *mimesis* da tradição grega é retomada nos espetáculos do XVIII. O distanciamento entre a representação e a imitação ocorre quando o representante possui uma característica própria e age promovendo as ideias e crenças de um coletivo, isso acontece com os representantes políticos e religiosos. Esses podem ser representados no palco por intermédio da imitação. A personagem possibilita a representação no palco, os atores são corpos que fazem parte do cenário.

No momento do espetáculo as personagens incorporam-se no palco, deste modo, não existe mais a entidade em si, mas a *mimesis*, até os atores como entes somem para que a imitação seja a mais alusiva possível, a verossimilhança se dá a partir desse momento. Mediante esse cenário torna-se dificultoso estabelecer um juízo de valor sobre as condutas desses entes, como observa Jean Starobinski:

⁹ Natureza ou Criação.

¹⁰ Atores como indivíduos que vivem em sociedade, não se resume apenas aos artistas.

O contraste é violento, pois o que está em jogo não é apenas a noção abstrata do ser e do parecer, mas o destino dos homens, que se divide entre a inocência renegada e a perdição doravante certa: O parecer e o mal são uma e a mesma coisa.¹¹

A inocência remonta ao período em que o homem está desprovido de culpa ou qualquer tipo de acusação, é um momento de usufruir da liberdade sem a necessidade de buscar um esconderijo para se proteger da punição. A aparência é o menos importante, todos podem experimentar da nudez sem sentir vergonha ou remorso por está despido. Porém a corrupção tornou essa vivência de pureza impossível trazendo consigo a culpa e o sofrimento.

No passado todos eram transparentes, contemplavam-se os corações, não existia vergonha ou medo de demonstrar o que realmente se era, com o fim da transparência no homem, o discernimento da verdade tornou-se distante.

A condenação foi inevitável, os deuses já não contemplavam os homens e a transparência transformou-se em opacidade, não era mais possível um homem acreditar somente na palavra de outro. Partindo desse mito se reconhece a ideia que os temas: inocência e corrupção assumem no projeto filosófico de Rousseau, especificamente no teatro e suas representações. Para ilustrar Jean Starobinsk utiliza o termo: “véu da separação”, e escreve:

Esse momento de crise – em que desce o véu da separação, em que o mundo se empana, em que as consciências se tornam opacas uma as outras, em que a desconfiança torna para sempre a amizade impossível.¹²

Essa separação resultou no fim da transparência, o que maculou a mocidade. O protesto a corrupção da juventude demonstra a preocupação de Jean-Jacques ao futuro dos cidadãos genebrinos. As paixões principais inimigas dos homens ganhavam espaço em um palco onde a representação se resumiria aos sentimentos até então desconhecidos pelos moradores da cidade. Uma *catarse*¹³ desnecessária trazendo mais desejos e curiosidades quando deveria expurgá-los.

Um bom espetáculo é o que mais se aproxima da verdade onde todos podem transparecer. O abandono de uma aparência. Neste espetáculo a inocência assume seu papel de conservação e a corrupção é combatida entre os homens tornando-os melhores, semelhante

¹¹ Starobinski, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o obstáculo; seguido de Sete Ensaios sobre Rousseau.** Tradução: Maria Lúcia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 15.

¹² Ibid., p. 22.

¹³ O conceito refere-se ao termo clássico aristotélico de expurgar ou purificar a alma através de impactos emocionais diante de uma apresentação que geralmente é um gênero de tragédia. Para Rousseau um inocente não precisa desse processo de purificação, envolve-lo em tal situação surtiria em efeitos nocivos.

aos dias de glória em um passado original. A infância é modelo do período da inocência e ao mesmo momento passível de perdê-la.

Rousseau percebeu que sua infância foi o momento de desligamento com a pura idoneidade. O compromisso com a verdade já não importava, o que interessava era apenas a opinião do outro e seu reconhecimento, uma espécie de legitimação de fatos. Independente do ocorrido, se não existisse confiança na palavra do outro, nada que for dito depois realmente teria validade verdadeira.

A causa para tal desconfiança está na opacidade desenvolvida mediante o “afastamento dos deuses” que contemplavam o interior de cada pessoa, assim como umas as outras. Como se Rousseau percebesse o silêncio no jardim paradisíaco provocado pela desconfiança e a vontade de não está diante da presença dos deuses.

1.2. O teatro fechado europeu

Nas peças do XVIII, os temas clássicos assumiam suas conotações contemporâneas desde uma divertida comédia a angustia das tragédias. Seria notório que a filosofia não passaria despercebida, porque assuntos que perturbavam e encantavam os antigos ainda se faziam presentes nos palcos dos teatros da Europa. Os motivos que levaram Rousseau a escrever uma carta ao senhor D’Alembert não se resume aos implícitos protestos de não ter comentado sobre sua própria cidade na *Enciclopédia*, mas a sua preocupação as influências estrangeiras que aparentemente destruiriam toda harmonia e fraternidade, porventura até a inocência que o camponês e outros genebrinos possuíam.

O modelo de teatro francês causava incômodo às lideranças da república. Sendo fechado o objetivo era atrair a atenção para um seletivo grupo de atores, tendo como plateia uma quantidade bem significativa de espectadores.

A oportunidade para apresentação seria resumida, porque nem todos teriam a chance e tempo para demonstrar suas habilidades aos seus concidadãos. Ao contrário do que ocorria nas festas cívicas, porque nessas todos tinham espaço para demonstrar o que sabiam fazer.

Sendo assim o teatro fechado é um doutrinamento dos cidadãos que aceitavam abrir mão de toda diversão e momento livre para gastar dinheiro e tempo, durante finais de semana e noites de folga, os quais deveriam está passando com seus amigos e familiares. Rousseau defende que a cidade era bem mais feliz, com homens em rodas de amigos ainda que embriagado, e mulheres fofqueiras que prezavam pela moral das moças que geralmente eram

suas filhas ou prole de outras senhoras. Em resposta ao filósofo na *Carta a Jean-Jacques Rousseau cidadão de Genebra*, o senhor D'Alembert afirma:

Enfim, a meu ver, nada seria prejudicado em Genebra com a abertura de um teatro, nem mesmo a embriaguez dos homens e maledicências das mulheres, que ambas encontram em V.Sa. Tanto favor.¹⁴

A resposta de D'Alembert é superficial e aparenta um desinteresse em participar do debate. Quando Rousseau afirma e defende a posição dos representantes da república ao proibir as apresentações teatrais em Genebra, mais adiante comenta a preservação dos bons costumes que são bons e úteis para a virtude dos homens, especificamente da juventude.

Se a preocupação de Rousseau está na preservação dos bons costumes, por que alguns comportamentos presentes na cidade são repreensíveis dentro daquela própria sociedade? Por exemplo, os vícios. E a tendência dos homens genebrinos a embriaguez se sobrepõe a implantação de um teatro fechado na cidade?

Obviamente para Rousseau os costumes apeteceíveis e necessários precisam ser bons, ou seja, promover o convívio entre os cidadãos, um diálogo e o afeiçoamento entre verdadeiros amigos, o filósofo não considera nem a embriaguez ou maledicência das mulheres como bom, mas considera como útil: as relações instituídas entre os moradores.

1.3. Inocência e infância de Rousseau e sua experiência com a verdade

O que torna a discussão bem interessante é considerar como objeto de estudo o próprio filósofo. Retomando o processo de formação do autor da carta, sua infância foi marcada por rompimentos e distanciamento engendrados por uma educação solitária e distante de compartilhamento e vivências coletivas. Mas ainda assim suas punições e castigos são mínimos se comparada à educação recebida e reavaliada por Rousseau quando olha para os ditos e feitos do seu passado. Por isso Jean Starobinski relata um trecho das *Confissões*. Cita Rousseau:

Um dia eu estudava sozinho minha lição no quarto contíguo à cozinha. A criada pusera para secar na chapa os pentes da senhorita Lambercier. Quando voltou para apanhá-los, havia um com todo um lado de dentes quebrados. A quem atribuiu a culpa desse estrago? Ninguém além de mim entrara no quarto. Interrogaram-me, nego ter tocado no pente. O senhor e senhorita Lambercier se reuniram. Exortam-me,

¹⁴ Rousseau, J-J. *Carta à D'Alembert sobre os espetáculos*. Tradução de Roberto Leal Ferreira – Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 1993. p. 188.

pressionam-me, ameaçam-me; persisto com obstinação; mas a convicção era forte demais, prevaleceu sobre todos os meus protestos, embora fosse a primeira vez que me tivessem encontrado tanto audácia em mentir. A coisa levada a sério, merecia sê-lo. A maldade, a mentira, a obstinação parecem igualmente dignas de punição... Faz agora quase cinquenta anos dessa aventura, e não tenho medo de ser hoje punido uma segunda vez pelo mesmo fato. Pois bem! Declaro diante do Céu que eu era inocente... Não tinha ainda bastante razão para sentir quanto as aparências me condenavam, e para me colocar no lugar dos outros. Mantinha-me no meu lugar, e tudo o que sentia era o rigor de um castigo terrível por um crime que não cometera.¹⁵

A inocência perdida diante de uma suposta mentira, ação não ensinada, mas apreendida pela experiência com a sociedade, principal corruptora dos bons, e destruidora das verdades. A opacidade surge como uma defesa ao modelo que está imposto, porém isso não evita que os indivíduos possuam e tenham as mesmas práticas perniciosas de outrem. Sendo a desconfiança uma arma de defesa em relacionamento de convívio.

A família é o ambiente que uma criança se desenvolve dependendo de sua estrutura e forma de interações subtende-se um acordo de proteção e defesa onde ninguém do grupo familiar deve trair a boa fé dos membros, ao sair desse vínculo o cenário apresenta outra mudança, assim como uma cadeia de valores diferente das instituídas, ou seja, quem está fora do vínculo familiar não passa de um corpo estranho, o qual pode até interagir, mas sem depositar um acordo semelhante entre os próprios membros familiares exceto, se esse indivíduo for inserido no vínculo.

Uma criança não precisa passar por uma iniciação em seu vínculo familiar, simplesmente é adaptada, adquirindo as características dos membros concernentes a pensamentos e posturas que são adotadas dentro do grupo. Porém é justamente nesse processo que se perde a inocência, a bondade rousseuniana não é a bondade cristã, esta é a diferença entre natureza decaída para uma natureza corrompida.

A mãe que representa a geradora do novo ser é de fato a mais importante progenitora, já que será responsável pelo tratamento e os primeiros cuidados que o filho recebe, terá a responsabilidade de instruir os primeiros passos de vida do recém-chegado ao grupo. Com o desenvolvimento da criança alguns cuidados devem ser feitos pelo próprio filho, dentre esses o banho, ao tornasse rapaz a nudez deverá ser evitada até mesmo para a própria mãe, algumas manias e comportamentos necessitam ser cortados ou simplesmente esquecidos até mesmo

¹⁵ Jean-Jacques Rousseau, apud. Starobinski, Jean. Jean-Jacques Rousseau: **A transparência e o obstáculo; seguido de Sete Ensaio sobre Rousseau**. Tradução: Maria Lúcia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p.18-20.

dentro do lar, único lugar que o indivíduo possui total liberdade para ser e fazer o que lhe apraz, ao crescer já não se pode andar nu.

A vergonha tem que ser escondida. Imagine a mente de uma criança que ao perceber esse processo de mudança e começasse a questionar o porquê de tudo isto. Onde não haveria ao crescer as cantigas para dormir. Ao cometer traquinagens apenas uma repreensão não bastava eram necessárias palmadas para controlá-la, portanto ao ficar maior apenas uma repreensão diante das visitas era o bastante e o maior de todos os castigos. Indaga-se, o que aconteceu para que surgisse tal vergonha? O que tirou da criança a inocência? A corrupção surgiu quando a opacidade e a desconfiança dos adultos destruíram a verdade revelada da transparência nos recém-chegados homens que eram bons, mesmo com defeitos e falhas de quem não conhecia as regras de um mundo adulto, mas eram bons.

Rousseau disse a verdade, mas como era a única criança presente no ambiente só isso bastava pra que fosse culpado pelo dano ao objeto, porventura outro evento teria causado o dano ao pente, porém isso não parecia ser verdadeiro aos olhos dos adultos, partiram do princípio de experiência com outras crianças arteiras, esquecendo que o jovem Jean-Jacques poderia estar dizendo a verdade. O mesmo sabia a verdade, e por mais que a negassem continuava tendo a certeza de sua inocência. A verdade não depende somente do testemunho e aparências. Os testemunhos podem ser falsos as aparências enganadoras, mas as causas e as ações serão sempre verdadeiras por mais que ninguém as tenha visto e as comprovado. Naquela situação o único que sabia da verdade era o acusado que não tinha como se defender diante dos adultos corrompidos por experiências na sociedade. A verdade estava com Rousseau, entretanto foi obrigado a abandoná-la e ficar em silêncio a fim de evitar mais punições, mas em seu coração conhecia e tinha a certeza de suas ações.

CAPÍTULO II: O PROBLEMA DA REPRESENTAÇÃO NA SOCIEDADE E SUAS RELAÇÕES DE PODER

O poder político estava presente nas questões apresentadas por D'Alembert, considerava que haveria benefícios caso investissem na arte do teatro, porém o cidadão de Genebra entendia como prejuízos, os gastos seriam desnecessários, porque comprometeriam a organização da vida familiar e despesas para o poder público. Além de fomentar o gosto pelo luxo, e desenvolver discípulos e admiradores de atores dados aos vícios e distantes da virtude. Os excessos apenas contribuem para a decadência de uma civilização, a exemplo disto, são os romanos que tiveram péssimos governantes, dentre os quais, o ator e imperador Nero. Que possuiu participação para a divisão e enfraquecimento do Império.

2.1. A verossimilhança e os papéis na sociedade

Quando Nero se apresentava no teatro romano, o escândalo não era o fato do imperador por vezes está despido para o público, mas o desaparecimento do líder político, e a entrega de seu corpo a uma personagem que podia ser a representação de um deus, senador, prostituta, alguém da tribuna, plebe ou qualquer indivíduo que o imperador deveria ser censurado ao representar. Como representante político não poderia entregar suas funções ainda que fosse por algumas horas de espetáculo. Deixando o coletivo sem um dos elementos representativos.

Ainda que Roma fosse capaz de se sustentar sem um imperador, porque possuía um senado para a manutenção da sua república. Um político que abria mão repentinamente de suas funções era interpretado como desertor. Sendo assim um covarde. Um líder sem coragem, isso era um incentivo para o levante dos inimigos. Portanto, um político representante de um coletivo não deveria ser ator, representante através da verossimilhança, o que acontecia na política também ocorria com religiosos, os quais não poderiam infligir seus princípios morais ainda que meramente representativos, mas isso não significava que esses representantes não poderiam si apresentar nos palcos.

Porventura, Nero escandalizaria menos os cidadãos romanos se representasse a si próprio ou outros imperadores, o mesmo acontecia com um sacerdote que representasse no palco a divindade que fosse devota. No caso de Nero, o imperador não desaparecia durante o espetáculo, ainda que tivesse representando outro. No sacerdote seria uma confirmação de sua

devoção, sacralizando seu corpo através da personagem, não abandonando sua função deste modo. Porém o desígnio da representação está apenas na natureza dos atores. São capazes de representar qualquer personagem sem ter censuras sobre seus comportamentos nos espetáculos.

A verossimilhança acontece desde a liberdade que os atores possuem, e seu comprometimento não está ligado nem a moral de uma cidade ou vontade e gosto de cidadãos. Nesse sentido os romanos se aproximavam dos gregos ao referir-se das raízes do teatro que em seus primórdios era sagrado. Quando Dionísio era representado no palco, todos sentiam a presença da divindade, os atores cediam seus corpos para as entidades. As belas atrizes se transformavam em ninfas, os desejos eram ali aflorados, por vezes Eros se fazia presente personificado, mesmo em um espetáculo. Eros e Psique por vez demonstravam seu amor através dos corpos de atores que os representavam aos olhos de espectadores, que se faziam envolvidos pela cena. Deste modo acreditava-se que os deuses estavam ali. Era uma espécie de ritual, aliás, as culturas antigas, assim como os que preservaram tradições remotas, manifestam suas divindades com máscaras em movimentos miméticos, o que trás a sensação da presença dos deuses. Na Idade Média os cantos, canções e peças teatrais possuíam esse cunho religioso de evocação ao sagrado. O ator que representava o Cristo era referenciado como as imagens dentro das igrejas, após a peça não passava de um homem comum era prestigiado não por ser Cristo, mas por representá-lo tão bem. Apenas a natureza dos atores consegue alcançar esse grau de verossimilhança.

2.2. A natureza do ator

O ator necessita do palco, é lá que possui sua liberdade e a principal fonte para o desenvolvimento de sua habilidade, o reconhecimento do outro. O mesmo acontece com outros tipos de artistas, aparentemente cada indivíduo possui essa necessidade de se apresentar em um palco. Ou ser admirado em uma roda de amigos, o prestígio passa a ser a fundamentação para o aprimoramento. Exceto o ator, os demais artistas não dependem da representação para a manifestação de seus talentos. Podem ser o que já fazem muito bem.

Determinados indivíduos querem assumir uma habilidade, as quais não possuem. Isso ocorre, por vezes em cantores que insistem, se de fato não possuem habilidade para aquilo podem ser censurados pelo público através de severas críticas, com o objetivo de destruir qualquer expectativa para aquele talento. Esses excluídos nem ao menos possuem o título que

julgam exercer, péssimos cantores, não são dignos nem de carregarem o título de cantor ainda que dediquem tempo significativo da vida para praticar a arte do canto. Os possuidores de tal talento, ainda podem ser submetidos aos critérios de avaliação e premiação, obviamente isso ocorre com outros tipos de artistas. O prestigiado serviria de modelo para os demais concorrentes.

Não basta o anseio para atuar é preciso um preparo para a prática dessa ação. O artista já tem em sua natureza aquela habilidade em potência, falta apenas um incentivo. Cada cidadão possui e necessita apresentar algo, Rousseau na *Carta a D'Alembert sobre os espetáculos*, demonstra isso em seus argumentos quando se refere às festas cívicas. Onde teceu críticas à representação e seus efeitos nocivos dentro da cidade de Genebra. É importante elucidar que a crítica não é à representação em si, mas ao modelo que estava sendo imposto a toda Europa no século XVIII.

As habilidades dos cidadãos é uma preocupação desde a Grécia antiga, na República de Platão cada indivíduo da cidade era classificado de acordo com sua natureza, fosse de reis, guerreiros, escravos e outros. Acerca da diferença de natureza o filósofo Platão escreve:

Insistindo corajosamente, e como verdadeiro disputante, sobre o ponto segundo o qual naturezas diferentes não devem ter os mesmos empregos, ao passo que não examinamos de modo algum o sentido de igualdade e diferença de natureza, nem sob que respeito as distinguimos quando atribuímos diferentes funções às naturezas diferentes, e funções iguais a naturezas também iguais.¹⁶

Todos passavam por uma análise que definia a função de cada um na polis. A sociedade observada por Rousseau tinha quase as mesmas características referentes à natureza dos indivíduos e seu aprimoramento mediante a educação. Se Roma utilizasse tal classificação, talvez Nero não se tornasse imperador, porque a sucessão ao trono nessa perspectiva não era hereditária, mas de acordo com a natureza.

A postura libertina de Nero e o seu gosto por determinados vícios caracterizavam a natureza de um ator, logo, o jovem deveria ser educado nas habilidades de apresentação e entretenimento do público. O que não aconteceu por isso Roma teve um dos piores governantes de sua história. O ator pode ser o que pretender e não se limita em seu corpo masculino ou feminino. Poderá ser um hermafrodita, experimentar o que bem desejar ter vários amores e viver em épocas diferentes. Um eterno viajante, um forasteiro em sua terra natal, seu lar são estradas que interligam as províncias, sua família são as companhias em

¹⁶ Platão. **A República**. Organização e tradução: J.Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 187.

turnê. Podem experimentar de vários sentimentos, sofrem nas estradas como inválidos, participam de grandes banquetes nas cidades que passam. Esse estranhamento advém das reflexões que muitos artistas obtêm durante suas jornadas, mas os que dedicam suas vidas aos espetáculos possuem um despreendimento ao discernimento entre o verdadeiro e a imitação, preferem viver em um mundo ilusório onde suas dores e dificuldades podem ser superadas. Por isso Rousseau questiona e diz:

Mas que importa a verdade da imitação, contanto que exista a ilusão? Trata-se apenas de excitar a curiosidade do povo. Essas exhibições de espírito, como a maioria das outras, só têm por objetivo os aplausos. Quando o autor recebe palmas e os atores as compartilham, a peça atingiu seu objetivo e não se busca nenhuma outra utilidade.¹⁷

A satisfação dos artistas está no palco, o reconhecimento de uma boa representação suplanta vários anseios sociais que muitos por diversas razões não tinham acesso, por exemplo, às vezes, os admiradores de seus antigos convívios, como familiares ou moradores das aldeias.

A verossimilhança aproveita tais experiências e no palco as transforma e modela de acordo com o espetáculo, ou seja, para qualquer papel, deus, rei, mendigo, dentre outros que contribuem para a ilustração do espetáculo. Alguém que possui a natureza de um ator pode ser um grande dançarino, um excelente cantor, e inestimável pintor. Sua natureza artística com facilidade será reconhecida por aqueles que constituem a sociedade do qual o indivíduo faz parte. Se Nero era um excelente ator, por outro lado um péssimo político, em Rousseau não haveria razões para mantê-lo como representante do povo.

A natureza do ator não o garante a única oportunidade nos palcos, a sua capacidade de representação não é condição para privar outros cidadãos de se apresentar. A principal crítica de Rousseau à representação é a impossibilidade de participação. Além da representação no palco, outros prejuízos que a sociedade pode ter concernem à condição política e religiosa. Cada povo possui o regime político adequado para os seus costumes, não seria coerente impor um comportamento político divergente daquele afeiçoado pelos cidadãos. Mesmo diante dessas considerações Rousseau defende uma política participativa, voltada para o bem coletivo. A figura do representante político é nociva, porque provoca o distanciamento de sua finalidade principal.

¹⁷ Rousseau, J-J. **Carta a D'Alembert sobre os espetáculos**. Tradução: Roberto Leal Ferreira, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. p. 48.

2.3. Do poder representativo

Um rei, em seu regime absolutista, é considerado representante do povo. Não por ter sido eleito por ele, mas pelo reconhecimento de seu poder, supondo que esse rei entre em hostilidade com um reinado vizinho. Ao ser convidado pelo seu opositor para negociações e acordos de paz, o rei envia um príncipe como seu representante. Não seria uma surpresa se o príncipe retornasse trazendo consigo péssimas notícias dentre elas, um possível preparo para as atividades de guerra. Ora, tal situação poderia ter sido evitada ou pormenor se o próprio rei estivesse presente como já tinha sido requisitado no convite.

O príncipe não podia tomar decisões pelo rei, porque somente o rei é a autoridade maior do povo, seria o povo naquela sala de negociações. Meros títulos não garantem a proteção de uma província ou reinado. A partir do momento que os absolutistas utilizam seu poder apenas para favores, o povo sofre as consequências de um regime liderado por homens descomprometidos com a vontade geral, visando apenas o interesse próprio. O bem coletivo não seria prejudicado se cada cidadão mesmo em um regime absolutista tivesse participação política, os acordos e negociações do exemplo citado seriam facilitados.

Os representantes podem tornar-se inimigos do bem coletivo, isso acontece quando interesses individuais suplantam a necessidade que os cidadãos de fato possuem. Rousseau reconhece que a sociedade não está totalmente desvencilhada da representação, ela mesma é uma forma de representação. A participação é o que garante o bem coletivo. A política em si não deve ser compreendida como algo meramente técnico, mas como uma ferramenta útil para qualquer cidadão ainda que não dispusesse de títulos que lhe dê uma titulação política, isso não é um empecilho para lutar pelos anseios e o bem de todos, logo adquiria seu devido espaço no palco da política. Daí nasce a necessidade da representação, um que fala por todos, portanto esse discurso não deve ser individual. Em Rousseau a política é, portanto o envolvimento dos cidadãos, se o povo sofre por ter maus governantes, ao aceitar seu árduo com aparente prazer sem reclamar do peso que carrega esses compatriotas são coniventes com as mortes de seus próprios filhos. Como se não tivessem mais em si, reconhecem apenas o outro, mas não a si próprio. Aquele que não possui amor de si não é bom, é autodestrutivo, um suicida passivo, um homicida, culpado. A participação em outras atividades e a recusa a seguir e contribuir para o bem coletivos tornou os homens dependentes do poder representativo político. O que desencadeou um desinteresse ao sentimento patriótico e a repulsa ao poder representativo. Segundo Jean-Jacques:

A diminuição do amor a pátria, a ação do interesse particular, a imensidão dos Estados, as conquistas, os abusos do Governo fizeram com que se imaginasse o recurso dos deputados ou representantes do povo nas assembleias da nação.¹⁸

O modelo de representação nocivo em Rousseau é aquele que deixa os homens alheios aos seus próprios problemas, esquecendo a base da existência de sua sociedade. Ninguém abre mão de sua liberdade no estado natural para ser cativo da morte, mas cativos da vida a partir do momento que reconhecem a estrutura estabelecida como boa. A bondade dos homens só é expressa mediante esse instinto natural de sobrevivência. Cidadãos participativos, reis e príncipes comprometidos com o bem comum são capazes até de estabelecer acordo de paz que permeia no interior e costumes de opositores instaurando acordos plenos e duradouros através do reconhecimento desse bem.

Outro problema encontrado na representação política é o interesse particular em contra partida a vontade geral. O descontentamento dos cidadãos pode desencadear a destruição da estrutura vigente. A substituição de poderes pode mudar os costumes de um povo se o regime for novo para a população. A vontade geral está relacionada ao bem comum, sua legitimação vem do coletivo ainda que seja tomado por um grupo restrito de cidadãos ou mesmo em um regime absolutista. Isso é possível porque os dirigentes precisam tomar consciência das necessidades de seu povo e tentar supri-los mediante as decisões. O voto é um símbolo dessa organização da vontade geral, o qual não pode ser compreendido como a vontade de todos e nem mesmo da maioria. Sempre havia um descontentamento com o resultado das decisões, este é fácil de superar e a aceitação possível, portanto quando a vontade geral vai contra partida a vontade de uma maioria. A vontade dos governantes e representantes é difícil de superar, mas, por vezes, muitos acabam cedendo. Retornando o exemplo da guerra entre dois reis, a vontade geral se aplica na melhor forma de conservação dos cidadãos. Se como acordo o rei ceder terras para a paz, alguns homens perdiam o sentimento de perda, porém ao esquecer que sua cidade não possui condições de vencer a reino rival, e começarem a pressionar a monarquia para a guerra, a fim de evitar o massacre da família desses homens, o governante se recusa a batalha, logo o descontentamento tornar-se-á nítido. Como patriotas devem reconhecer a decisão do rei e acatá-la. O mesmo ocorre ao contrário, o governante podia insistir em uma guerra, já perdida e seus cidadãos se oporem, se for para conservação e o bem de todos é necessário analisar se é útil para os cidadãos a confirmação da guerra. Os

¹⁸ Rousseau, J-J. **Do contrato social ou princípios do direito político**. *Coleção os Pensadores*. Tradução: Lourdes Santos Machado, São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 113.

soldados do exército romano deixavam de se inscrever em campanhas que julgavam ser inúteis para Roma, as ambições e delírios de imperadores nem sempre eram ligadas a vontade geral, mas em interesses particulares.

2.4. Da corrupção nas representações, o exemplo da República romana e o futuro político de Genebra

A corrupção é um dos males que afeta o poder representativo, a culpa desta são os interesses particulares envolvidos nos setores públicos. Até mesmo o povo pode ser passivo nessa corrupção. Os prejuízos são sentidos após determinados apogeu, se ainda existissem caso a nação tenha chegando a progredir pelo menos uma vez. O senado romano é um exemplo clássico, o regime político que Jean-Jacques Rousseau mais apreciava era a república, porém sabia das dificuldades e imperfeições, além dos prejuízos que um povo tem caso decidisse viver nesse regime. Em suas obras como *O Contrato ou princípios do direito político*, demonstra um conhecimento aprofundado sobre o funcionamento desse tipo de organização política, além das influências que a Europa obteve até o XVIII. Ao falar de Roma, Rousseau cita o problema da corrupção dentro do senado romano, o filósofo Cícero enfrentou essa autodestruição da estrutura política que participava.

Os legisladores não pareciam preocupados com os problemas da república, mas com as divisões das pilhagens, impostos e benefícios das terras conquistadas. Rousseau aponta que provavelmente esse costume adveio dos setores de formação do exército. O que de inicial eram grupos de defesa de seus clãs, o crescimento desse grupo formou o maior exército do Ocidente concentrados no Estado-Nação. Mesmo com suas subdivisões os grupos se compreendiam como única ordem, o senado no começo era composto pelos líderes desses grupos.

Com o passar dos anos ficou indivisível a identificação de cada clã não havendo mais partidos de clãs, mas partidos baseados em determinados interesses. Após conquistas de territórios o senado não passava de reuniões de barganha e especulações para garantia de novos títulos. Um senado composto em sua maioria por velhos, ex-combatentes e generais vitoriosos em campanhas. A própria estrutura da república romana proporcionava a corrupção, os imperadores são frutos de uma república fraca pela corrupção, o que a tornava forte era apenas os costumes de seu povo.

Tendo como um exemplo o costume do duelo que ilustra a utilidade das leis diante a opinião pública. O povo obedecer e dar vida as leis que considera conveniente as suas opiniões e costumes. Para cessar os duelos não bastava criarem leis, mas mudar as opiniões. Cada povo possui em sua natureza o que lhe é desejável. Na *Carta à D'Alembert sobre os espetáculos*, Rousseau afirma que:

Assim, façam o que fizerem, nem a razão, nem a virtude, nem as leis vencerão a opinião pública, enquanto não se descobrir a arte de mudá-la. Mais uma vez, essa arte não tem nada a ver com a violência. Os meios ordinários só serviriam, se aplicados, para punir os corajosos e salvar os covardes; mas felizmente eles são absurdos demais para poderem ser empregados, e só serviriam para mudar o nome dos duelos.¹⁹

Se os costumes não mudam diante das leis a população desenvolverá formas de desobedecer às leis com atos implícitos que tornam o novo crime uma prática ainda comum, porém camuflada.

Para Rousseau cada povo possui suas tendências políticas, o modelo de república não serve para qualquer nação, ainda que defendesse a República de Genebra apoiava outros regimes monárquicos na Europa. A preservação dos costumes é a base dessa crença do filósofo. Deste modo não era possível um único regime que fosse implantado para todos os povos, mediante a diversidade cultural. O mesmo acontece com as artes, especificamente o teatro, alguns contemporâneos do XVIII acreditaram ser possível a implantação de um único modelo de teatro para a Europa.

Ora, se nem mesmo os regimes políticos eram iguais, assim como os climas, as línguas, não seria saudável que o povo fosse subjugado a modelos e regras outorgadas por estrangeiros. Povos conquistados sofrem após suas derrotas não apenas por perdas econômicas, mas principalmente por perdas dos seus costumes.

Os romanos ao conquistarem os povos que julgavam bárbaros intervieram diretamente nas organizações políticas. Isso perpetuava a visão e o império romano nessas regiões. Após as conquistas qualquer afronta era vista com maus olhos pela elite do povo dominado. Uma realidade bem nítida no período dos Herodes na Judéia, qualquer profeta e líder religioso que questionasse o poderio de Roma, era interpretado como problema para nação. Abandonar os costumes pode significar uma destruição ou mudança nociva permanente. O fato dos judeus abandonarem seus costumes, teve como resultado os profetas messiânicos com exortações ao

¹⁹ Rousseau, J-J. **Carta a D'Alembert sobre os espetáculos**. Tradução: Roberto Leal Ferreira, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. p.84.

seu povo. Para esses tradicionais se essa mensagem não fosse reconhecida, a destruição era inevitável. Não é diferente do que aconteceu no ano 79 d.C. Os revoltados judeus que ainda insistiam em seus costumes foram mortos ou fugiram de Jerusalém. Rousseau comunga com os profetas e videntes antigos, a mesma preocupação, porém sua fundamentação é filosófica, considerando as observações e as ocorrências do passado. Após o início do processo de mudança dos costumes não tem mais volta.

CAPITULO III: OS DIVERTIMENTOS NOCIVOS AOS CIDADÃOS

O temor do filósofo era viver em uma república sitiada por artistas bacantes, inimigos da honra e costumes. Assim não precisaria muito para que os inimigos antigos notassem as fraquezas dos guerreiros e imediatamente instaurassem uma ocupação. Obviamente seria o fim da cidade, e o modo de vida camponês que possuíam, a angústia ocuparia o ambiente não restando nada, nem para o deleite dos ocupantes indesejados. A população seria escrava das representações instituídas por estrangeiros e pelo novo poder representativo descompromissado com o bem coletivo, os quais apenas defenderiam seus interesses particulares.

3.1. A invasão artística estrangeira

A cidade de Rousseau estava sofrendo pressões externas para a implantação de um teatro. Porém o modelo que tais estrangeiros exigiam tornou-se um problema. Mesmo uma cidade diversificada e com uma carga histórico-cultural extraordinária. Genebra poderia ter graves consequências caso liberasse esse tipo de divertimento. Aqueles que com certeza iriam aderir com facilidade esse tipo de teatro seriam os jovens, os principais responsáveis do destino na cidade com suas tradições. A corrupção dessa juventude provocaria a decadência inevitável.

Em seu balaço sobre a instalação desse teatro, o filósofo identificou mais prejuízos do que benefícios. Porventura a região pacata dos Alpes suíços sumiria repentinamente dando lugar a mais uma “Paris” angustiada e atribulada com seus problemas urbanos e morais. As jovens religiosas desapareceriam, dando espaço as prostitutas, as bordadeiras dariam lugar para as cafetinas e os homens trabalhadores se transformariam em vagabundos. No início seriam as famílias as primeiras a frequentarem esse teatro mais com o passar do tempo, seriam desestimuladas, dando lugar aos solteiros deprimidos em mágoas. Durante a noite as pontes receberiam as visitas dos suicidas. A mesma destruição que o Coliseu causou a Roma, e ao teatro fechado a Paris, em Genebra essa situação fatídica seria inevitável.

A sociedade não pode ser subjugada apenas a um modelo de diversão mediante sua diversidade. O divertimento tem seu destaque dentro de uma sociedade, e pode trazer para seus investidores, benefício por intermédio de status social ou reconhecimento político dependendo do interesse de quem investiu. A juventude, principal público, logo se tornaria

dependente do evento, e dos temas que são apresentados nos lugares de divertimento. A diversão não depende do investimento dos governantes para acontecer, mas é útil que os mesmos se disponham a ajudar. Praças e parques são exemplos a serem lembrados. Esse espaço aberto deixa os cidadãos livres para pensarem e questionarem sobre a situação e o futuro da cidade.

A filosofia tem estreitas relações com esses espaços, poucos ainda no período de século XVIII, assim como na Grécia após a morte de Sócrates, acreditavam que esse realmente era o lugar para o exercício do pensamento. Muitos dos frequentadores desse ambiente não estão preparados para a jornada que a filosofia inicia, podendo mediante a adoração e exaltação de seus grilhões recusarem a liberdade e preferirem a condição de escravos contempladores apenas de poucos eventos chamados fenômenos. Porém é preciso enfrentar tais dificuldades.

Ora, se a praça, local de descontração e diversão pode ser uma prisão por causa de seus visitantes, o que dirá um ambiente fechado, onde todos podem ser cativos dentro do evento que foram participar. A geração dos jovens, desde cedo corrompida. Por um pensamento vigente, se tornaria vítima dos ideais de um único grupo. Isso muito perturbava Rousseau, atribuir como questão resolvida, impor uma forma de entretenimento aos que estavam sendo educados não parece um bom caminho.

Enquanto alguns filósofos e pesquisadores acreditavam ser a *Enciclopédia* o empreendimento chave para a ascensão das Luzes. O filósofo genebrino não parecia ter essa expectativa da obra. Cada indivíduo tem um tratamento diferencial em sua formação educacional, sua experiência é ferramenta fundamental. Um conhecimento universalista que desconsidere isso é um prejuízo.

Qual a utilidade da apresentação? Em um divertimento que possua brincadeiras competitivas rapidamente se destaca aquele que possui as habilidades para os desafios propostos. Em uma festa o melhor dançarino tem o reconhecimento, esta é a razão para a apresentação, o reconhecimento do outro, ainda que a pessoa saiba que seja um bom dançarino, cantor e outras habilidades, ele necessita do reconhecimento, não precisa ser todos, um pequeno grupo ou às vezes uma única pessoa, já lhe basta para que continue a exercer tal atividade. Um bom pintor precisa apresentar suas obras, os lucros obtido com a venda, é algo de segundo plano.

O reconhecimento e a admiração é o prazer de quem demonstra aquilo que sabe fazer. Na defesa às festas cívicas, Rousseau demonstra que é esse o espaço que os cidadãos

precisam para contribuírem com a cidade. Não são somente as artes que ganham espaço nessas apresentações, as ciências também: arquitetos, matemáticos, dentre outros pesquisadores. A oportunidade de demonstrar as invenções, muito contribuiria para a própria formação saudável dos jovens. É importante lembrar que o melhor lugar para essa apresentação é um espaço aberto. Onde a liberdade do pensamento passa regozijar das maravilhas que o entendimento pode apresentar por intermédio do outro.

Em relação à publicação da obra a *Enciclopédia*, deveria ser esse lugar de compartilhamento, porém seus organizadores a transformaram em uma doutrina daquilo que o conhecimento humano já havia produzido. Era um espaço fechado, não é de surpreender que o senhor D'Alembert ao criticar Genebra por não possuir apresentações teatrais o faz dentro da *Enciclopédia*. Não havia sido dada oportunidade a nenhum morador dessa cidade a defesa mediante o diálogo. A crítica injusta foi impregnada, a imagem da cidade foi prejudicada, já que ficou subentendido um atraso artístico, o que não era verdade.

3.2. Os cativos do divertimento e a perda dos bons costumes

O espetáculo possui ligações com o divertimento, porém sua atividade torna os espectadores muitas vezes passivos ao que está acontecendo. Para acontecer o espetáculo o reconhecimento já aconteceu pretendesse aprimorá-lo e ampliá-lo ou dependendo da desenvoltura sofre crítica. A partir do momento que os participantes não adquirem o reconhecimento, ou o espetáculo acaba ou é simplesmente substituído subitamente. Mas o espetáculo em si já é reconhecido para manter esse termo.

A morte de cristãos no Coliseu romano era um espetáculo, a luta de gladiadores, o melhor divertimento que o Império Romano podia proporcionar a seus cidadãos. Sem sangue não havia espetáculo, a multidão demonstrava descontentamento. Era um modo de lembrar que os cidadãos romanos eram conquistadores e dominantes por todo mundo antigo, isso era satisfatório para o povo, que não reconhecia as vítimas, como, crianças, mulheres e velhos jogados aos leões, mas como inimigos de sua pátria. Essa era a única forma de deixá-los menos passivos nos espetáculos. Tornava-se parte integrante de todo aquele movimento etnocêntrico e genocida.

Os aplausos são os votos de legitimação dos espetáculos, uma peça teatral que não recebe aplausos, logo se concluiu que não era um espetáculo, mas apenas uma mera apresentação. A apresentação teatral que possui aplausos essa é de fato um espetáculo, ainda

que tenha como sua base uma representação. Uma característica fundamental para o modelo de teatro fechado.

O que acontecia no Coliseu era de ambiente fechado que tornavam os cidadãos cativos de pensamento. Imagine em Genebra do XVIII um espaço fechado, onde a representação iria ter seu espetáculo. A decadência era inevitável, assim como Roma se afundou em sua soberba, o destino da República Genebrina seria o mesmo, se seguisse esse caminho.

Se na Idade antiga a filosofia esteve presente na praça, com seus espaços livres, no século XVIII esteve presente nos palcos. Filósofos como Voltaire, Diderot e D'Alembert constituíam o grupo de pensadores que usavam os palcos para elaborar questões filosóficas que sempre estavam presentes em suas obras.

O próprio Rousseau escreveu peças teatrais. Apesar de mais tarde criticar o próprio gênero que conhecia muito bem. O motivo dessa suposta contradição pode ser compreendido como a preocupação de Rousseau ao levar a filosofia ao palco. A abordagem dos temas, a limitação do diálogo e a dependência a uma única forma de pensamento. Esses são os entraves que o filósofo encontrou nesse espaço. A representação seria o encerramento pelo esclarecimento do tema, isso poderia deixar os espectadores estranhos ao assunto não tendo um envolvimento com o que foi apresentado. Não há uma possibilidade de diálogo com o público.

O estímulo ao exercício do pensamento seria fraco demais para trazer uma noção de relevância à questão. Obviamente os espectadores estariam sujeitos a uma única forma de representação. Pensamentos divergentes ao grupo que apresenta o espetáculo seriam levados ao martírio.

O próprio Rousseau acreditava ser vítima dessa situação uma vez que foi mal interpretado por seus colegas. Que o apresentavam como um filósofo louco que queimava livros, por acreditar que o estado de natureza era melhor que o estado atual do homem, onde o bom selvagem era inocente e desprovido das aflições que perseguem os homens em sociedade.

Com certeza o público seria doutrinado e não estimulado pelo pensamento. Ainda que a peça tivesse surgido de questões filosóficas não havia nenhuma garantia que o público reconhecesse os aspectos, aconteceria um estranhamento e repulsa às correntes rivais daqueles responsáveis pelos espetáculos.

O teatro fechado possui o poder de influenciar nas opiniões públicas, características mais nocivas do que benéficas aos homens. Porém se o teatro fosse utilizado para o bem traria

benefícios, o que tem se mostrado impossível por causa da própria natureza dessa arte. Na obra *Do contrato social ou princípios do direito político* está escrito:

É inútil distinguir os costumes de uma nação dos objetos de sua estima, pois tudo se prende ao mesmo princípio e se confunde necessariamente. Entre todos os povos do mundo, não é em absoluto a natureza, mas a opinião, que decide a escolha de seus prazeres. Melhorai as opiniões dos homens, e seus costumes purificar-se-ão por si mesmo.²⁰

Os costumes preservam a identidade de um povo, faz parte da sobrevivência dos grupos constituídos por pessoas histórico-culturalmente relacionadas. A organização dessas sociedades depende dos bons costumes. A agricultura é um exemplo, nos primórdios das sociedades, foi de extrema utilidade para os povos que dominavam essa técnica. Havia rituais, simbolismos e significados para cada processo da agricultura. A dádiva dos deuses era manifestada na terra, e os ciclos para uma boa lavoura, caso contrário, as divindades poderiam está descontentes. Ao final de todo processo aconteciam as celebrações para pagamento de tributos aos deuses que tiveram sua contribuição. Os judeus celebravam a festa da colheita, chamada de festa do pentecostes, com suas danças e hinos exaltavam o nome de sua única divindade, Javé. Por causa do seu líder judeu, Jesus, o cristianismo incorporou a festa de pentecostes, mas como um símbolo, apenas para rememorar o passado. Com o domínio dessa religião na Europa os povos pagãos foram obrigados a converterem seus festejos à divindade cristã. A igreja chamou de pagã toda tradição estranha ao seu Deus, em geral eram camponeses que tinham essas tradições, por isso o termo pagão: homem do campo. Ao se converterem à religião cristã não abandonaram seus costumes apenas deram um novo significado a suas tradições preservando as técnicas necessárias para uma colheita bem sucedida. Para o filósofo genebrino cidadão de Genebra:

O que os pagãos temiam aconteceu e, então, tudo mudou de aspecto. Os humildes cristãos mudaram de linguagem e logo se viu esse pretensio reino do outro mundo tornar-se neste, sob um chefe visível, o mais violento despotismo.²¹

O que era útil foi mantido, porém a partir do momento que mudasse nas terras, as técnicas aplicadas durante milênios, o povo passaria por uma crise nas tradições, isso poderia inclusive desencadear o desaparecimento da sociedade. A cultura pode passar por modificações, mas a mudança dos costumes é prejuízo para aqueles que as preservaram

²⁰ Rousseau, J-J. **Do contrato social ou princípios do direito político**. *Coleção os Pensadores*. Tradução: Lourdes Santos Machado, São Paulo: Abril Cultural, 1978. p.142.

²¹ *Ibid.*, p.145.

durante séculos. Além das técnicas, há também a organização política e moral. Uma alteração drástica possui os mesmos efeitos destrutíveis. O teatro fechado dentro de uma sociedade bem estabelecida e forte em suas tradições modificaria a sua estrutura, muito provavelmente a República de Genebra desapareceria. A República Romana é um exemplo dessa correlação entre costumes, os seus dias mais prósperos foram quando sua natureza foi seguida por seus cidadãos. Os quais estavam mais ligados a vida camponesa do que a vida urbana. Conforme Jean-Jacques Rousseau:

Assim, tudo o que Roma tinha de ilustre vivia nos campos e cultivava as terras, tornando-se costume só aí procurar os esteios da república. Sendo esse o estado dos mais dignos patrícios, acabou respeitados por todos; a vida simples e trabalhosa dos camponeses foi preferida à vida ociosa e corrupta dos burgueses de Roma, e não houve quem, infeliz proletário na cidade, não se tornasse, como trabalhador dos campos, cidadão respeitável.²²

Os costumes do campo servem para o homem do campo, o mesmo para os habitantes da cidade. Apesar de Genebra ser uma cidade suas tradições eram próximas do campo, porque seus moradores possuíam raízes camponesas, ou seja, a República Genebrina era uma das cidades voltadas as atividades rurais. Ao contrário de Paris que não queria se dar o trabalho de pensar nos problemas além de seu território urbano, e esqueciam o que mantinha todo aquele luxo excessivo, não era por acaso que o preço dos alimentos eram elevados, os tributos do rei era uma sobrecarga para os alimentos que também eram podres e da pior safra.

Os habitantes de Paris do XVIII eram subjugados as decisões de uma corte farta de alimentos, não tinham o costume de preparar a terra, tudo que lhes restavam eram discursos políticos e uma religião que os consolava em meio o sofrimento causado pela incompetência dos membros que esqueceram as tradições. Rousseau considera o homem do campo mais feliz, por não se preocupar com esses problemas, estavam mais próximos do estado natural, onde nem a razão pode provocar aflições.

Viver na cidade tem seus benefícios, mas para aqueles preparados em constantes crises econômicas, sociais e morais. Os moradores urbanos já estavam acostumados com violências e abusos, já nascem condenados na angustia e sofrimento, em contra partida tem acesso às produções intelectuais e mais facilidade com o desenvolvimento do conhecimento. A razão torna o ambiente mais suportável, porque em parte garante a sobrevivência. A filosofia é filha da polis nasceu dentro dos problemas da cidade, não era sem motivo que Paris concentrava o

²² Rousseau, J-J. **Do contrato social ou princípios do direito político**. *Coleção os Pensadores*. Tradução: Lourdes Santos Machado, São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 132.

berço do Iluminismo, onde aconteciam as discussões filosóficas mais sofisticadas. Mas era no campo que a tranquilidade e paz reinavam. Rousseau não propôs a queima de livros nem o abandono da razão, mas uma consciência que considerasse os costumes e tradições fundamentais para uma vida saudável e útil.

3.3. Os guerreiros sem a virtude

O modelo de teatro francês levaria a juventude a abandonar a virtude. Um jovem assistindo uma representação poderia se identificar com as práticas de uma personagem, e esquecer seus princípios morais. Em uma peça que o herói traiu seus amigos, e entregasse sua providência para os inimigos, de modo algum contribuiria para a formação de homens valentes e corajosos.

A morte pelos seus conterrâneos não seria atrativa apenas pela honra, se a personagem demonstrasse em sua representação que era possível continuar vivo mudando as cartas do jogo. Isso se desejasse ir a batalha pelo menos uma vez. Muitos se absteriam a usar os uniformes do exército não seria mais honroso, mas flertariam com inimigos.

Ou seja, não existiriam mais homens virtuosos. Esse amor não é nato, mas adquirido pela boa formação, sendo a educação a ferramenta que poderia proporcionar esse comportamento nobre, por isso que o Estado deveria ser o responsável pela formação de crianças e jovens. Lapidando os sentimentos úteis para o povo, o teatro também possui esse aspecto de educação, logo se o conteúdo for pernicioso, os cidadãos só tendem a perder.

Nas próprias companhias de teatro seus membros eram pessoas que fugiram de seus deveres, por isso essas representações não provocavam nenhum remorso em seus atores e participantes da peça, porque se identificariam com as práticas ali demonstradas. Uma companhia de fujões, covardes e inimigos da virtude. Como estas pessoas poderiam ficar responsáveis pela educação na mocidade? No mínimo um suicídio dos valores cívicos.

Uma república, assim, como outras formas de governo necessita do comprimento do dever cívico. Por isso o filósofo, Cícero em sua obra *Do sumo bem do sumo mal* deixa claro a conduta que um cidadão da república precisa para um movimento (funcionamento) saudável da pátria. O amor à pátria é crucial para o sucesso de uma república. Deste modo Cícero escreveu:

Quando ao mundo, crêem os filósofos que é regido pela potência divina, e que vem a ser como a cidade dos homens e dos deuses, sendo cada um de nós parte do

mundo. E daí se infere que temos de antepor a utilidade comum à própria. É assim como as leis antepõem a saúde de todos que à de cada um, assim o varão bom, sábio e obediente às leis, e não-ígnorante do dever civil, atenta mais a utilidade de todos que à de um só ou a sua própria. E não é mais vituperável o traidor da pátria que o que troca o interesse comum pelo interesse próprio. Donde se infere que o digno de louvor aquele que se lança à morte pela República, dando-nos testemunho de que devemos amar mais a pátria que a nós mesmos. Deve-se rejeitar aquela opinião desumana e malvada de muitos que costumam dizer que, mortos eles, nada lhes importaria que as chamas devorassem toda a terra, como diz um verso grego. O certo é que devemos cuidar até dos que ainda nasceram.²³

Rousseau possui a mesma preocupação que o senador romano, inclusive o que cerne a relação entre a opinião e o amor a pátria, observa-se que ambos defendem uma participação política dos compatriotas. Mas para o iluminista o amor à pátria é o amor de si, logo é bom. Já Cícero interpreta como duas coisas distintas. A finalidade é a mesma finalidade que é o bem de todos.

Ainda que a cidade tenha uma conduta virtuosa e cumpra com seus deveres, as guerras precisam ser evitadas, só servem em último caso, quando não existirem mais possibilidades de negociação.

O teatro traz o luxo, esse por sua vez, o acúmulo das riquezas mesmo a cidade não sendo muito rica quanto aparenta ser, chamando atenção, ainda que o fosse deveria evitar esse destaque desnecessário.

Os inimigos sempre ficam atentos para qualquer oportunidade de ataque. Nenhum governo consegue manter-se enfrentando guerras constantemente. A posição de defesa é a melhor postura a ser adotada durante frequentes ameaças. A razão facilita muito o acordo de paz, o convencimento é a arma forte contra qualquer província, um orgulho sem medida leva qualquer povo ao seu declínio, foi por isso que os povos clássicos, não resistiram às invasões bárbaras.

Além de concentrarem riquezas não cedia para as negociações, a avareza do senado romano provocaram campanhas desnecessária para o Império, ora se um império pode sucumbir aos resultados de suas paixões pelo luxo, o que se diz a uma província como Genebra. Sua fortificação em lugar estratégico não garante vitórias em constantes batalhas.

O povo deve ser simples, e continuar simples, seu exército precisa continuar em posição de defesa e preparo para o ataque, mas não descarta os acordos diplomáticos e está atento para os possíveis rompimentos. Os motivos de uma guerra caso aconteça necessitam está claro para a população, a contribuição através da tributação e ocupações temporárias para

²³ Cícero, Marco Túlio. **Do sumo bem do sumo mal:** (de finibus bonorum et malorum). Tradução Carlos Ancede Nougé – São Paulo: Matins Fontes, 2005. p. 115.

batalha seriam feitas com mais contentamento e ânimo se os envoltivos estivessem bem ou parcialmente informados da situação diplomática entre a pátria e o inimigo. Qualquer proposta de cessar fogo deveria ser considerada em reuniões políticas dos compatriotas e aliados.

Nem sempre os vitoriosos nas guerras possuem a razão ou o direito naquilo que reivindicavam, tal resultado era legítimo apenas por se tratar de uma derrota. A disputa de poderio é prejudicial a todos até para os triunfantes. As perdas de ambos os lados são às vezes irresponsáveis. Rousseau não era um admirador do confronto direto, mas caso a razão não vencesse aconselhava fecharem os livros e empunharem a espada.

Isso no caso de guerras legitimadas pelo Estado. A outro exemplo para o filósofo os duelos eram péssimos hábitos e suas consequências eram terríveis. Supondo que o marido desafie o amante da esposa para a luta, por sua vez o amante como um grande dominador de espada, ganhe o duelo. Essa prática estava relacionada à honra, portanto se instituições desenvolvessem meios de punir os desordeiros os resultados catastróficos dos desafios seriam evitados. Em citação, Rousseau demonstra que:

Uma quarta consequência do objeto do mesmo estabelecimento é que, como nenhum homem pode viver civilmente sem honra, todas as condições em que se usa espada, do príncipe ao soldado, e mesmo todas as condições que não a usam, devem estar submetidos à jurisdição dessa corte de honra; uns, para prestarem contas de sua conduta e de suas ações; outros, de seus discursos e de suas máximas; todos igualmente sujeitos a serem honrados ou censurados, segundo a conformidade ou a oposição de suas vidas ou seus sentimentos aos princípios de honra estabelecidos na nação e, imperceptivelmente reformados pelo tribunal, aos da justiça e da razão.²⁴

Tanto em relações interpessoais da cidade como nas guerras deveria existir honra, por isso requer um tribunal de honra, sem essa instituição, caso o amante fosse um bom rival, o infeliz pai não recuperaria a honra da família, já que morreria. A esposa se tornaria uma viúva desonrada e os filhos abastados naquela sociedade.

Não seria de surpreender que da prole surgisse um sentimento de vingança que provocasse o descontentamento por várias gerações. Se a questão é de honra, Rousseau propõe que a honra seja a justa medida. Que tais desavenças fossem resolvidas na frente de um juiz, este possuiria algum adereço que serviria como vara de punição, caso fosse condenado em público condenado, o juiz apenas tocava a cabeça daquele que seria desonrado em diante de todos.

²⁴ Rousseau, J-J. **Carta a D'Alembert sobre os espetáculos**. Tradução: Roberto Leal Ferreira, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. p. 85.

Cada toque era uma punição em desonrosa, somente a vergonha e o constrangimento bastava. A possibilidade da vitória do desordeiro seria remota. No caso do marido e o amante, ambos viveriam, e o esposo recuperaria sua honra diante da sociedade. Nessa linha de pensamento percebesse que Rousseau é contrário a pena de morte, uma anedota o acusa dessa postura, porque várias vezes foi o amante, como não era hábil no duelo, preferia fugir das ameaças, era melhor enfrenta a desonra nos tribunais do que tentar honrar sua dívida em um túmulo. Porém tal acusação, mais parece uma falácia, em nada demonstra falhas sobre a validade do argumento do filósofo sobre os duelos.

CAPITULO IV: O DIVERTIMENTO IDEAL AOS GENEBRINOS

A preservação dos bons costumes mantém uma república forte e edificada. As festas populares contribuem para o desenvolvimento de laços matrimônios e familiares, sendo o trabalho a melhor diversão e o descanso uma recompensa, é possível viver bem em sociedade, tendo como fundamento a inocência e boas relações com o outro. Os espetáculos em praças públicas democratizaria o direito em demonstrar as habilidades e contribuições aos participantes desses eventos. Através do contexto político, religioso e histórico é possível traçar as implicações reflexivas que Rousseau adquiriu acerca das manifestações artísticas na ilustríssima e aconchegante República de Genebra.

4.1. O teatro sagrado e o profano

O teatro na Idade Média foi ferramenta para o doutrinamento e a evangelização. A população não tinha acesso aos cânones da religião, logo a leitura desses livros pertencia a poucas pessoas, e era restrita especificamente ao clero. Este repassava suas interpretações através de sermões. Nesse período as canções, pinturas e outras manifestações artísticas estavam direcionadas para o sagrado, o profano era subversivo e uma apresentação menosprezada pelos religiosos. Os palcos medievais não rememoravam as tradições greco-romanas, ou seja, a catarse de uma obra como *Édipo rei* causaria escândalos dentro de uma cidade. A poética do filósofo Aristóteles era considerada uma leitura ímpia e pagã. Os padres da igreja censuravam muitas peças teatrais, por exaltar deuses e costumes condenados e prejudiciais à fé cristã de acordo com a visão ortodoxa. Sendo assim, as apresentações teatrais eram apenas com temáticas sacras, nada de festejos desprovidos de significados religiosos. O século XVIII, já experimentava a liberdade proporcionada pela modernidade. O Iluminismo passa a denominar a Idade Média como período das trevas. Nesse momento a Igreja Católica Apostólica Romana, já tinha perdido sua forte influência em províncias bárbaras conquistadas pelo cristianismo protestante, algumas regiões fortemente ligadas a Igreja ainda condenavam quem desafiasse a tradição construída há um pouco mais que mil e seiscentos anos. Os protestantes eram maioria na sociedade genebrina, mesmo com a afronta histórica na Europa entre católicos e protestantes, a república possuía diversidade religiosa. Rousseau demonstra ser a favor dessa diversidade não somente com cristã, mas com todas as religiões, em uma cidade de diversidade religiosa não haveria espaço para os conflitos de fé. Portanto, um

regime laico era necessário para que os ânimos não se alterassem, logo, a uma separação entre estado e religião. Na obra *Cartas escritas da montanha*, Rousseau escreveu:

O cristianismo, ao contrário, tornando os homens justos, moderados e amigos da paz, é muito vantajoso à sociedade em geral, mas enfraquece a força da engrenagem política, complica os movimentos da máquina, rompe a unidade do corpo moral e, não lhe sendo muito apropriado, deve degenerar ou tornar-se uma peça estranha e embaraçosa.²⁵

A fé cristã não poderia assumir plenamente um regime político, porque seus princípios não permitiriam tomar medidas que são úteis para a manutenção do poder, se assim o fizesse estaria sendo hipócrita.

Os protestantes na cidade preservaram dos católicos medievais a separação entre o profano e o sagrado. Com a reforma protestante, para legitimar uma nova igreja “pura” e “santa” adotaram uma conduta religiosa mais rígida para seus fieis. Obviamente o novo modelo de cristianismo estava fundamentado na perspectiva ortodoxa. Os protestantes também fizeram seus concílios para organizar suas disputas doutrinárias teológicas, já que não existia, mais um papa para decidir sobre essas causas. Os reformados genebrinos eram em sua maioria calvinista, a causa disto era a facilidade para a leitura das obras desse teólogo e reformador, os luteranos também tinham forte representação na província, com suas vestes pretas, representando a moral e os bons costumes, possuíam cargos importantes dentre os quais a magistratura. Quando os protestantes ocuparam a cidade com seu novo modelo de fé, o clero católico foi perdendo espaço, inclusive muitos dos sacerdotes romanos abandonaram a província temendo pela sua própria vida. Antes os cargos eram ocupados de acordo com a tradição e genealogia das famílias com a reforma qualquer cidadão podia assumir cargos públicos. Após um século de reforma a província suíça desenvolveu o mesmo sistema que combateu no início. Se o teatro profano era proibido no domínio católico, continuou sendo para os novos cristãos. Porventura, existiam peças e apresentações religiosas como na Idade Média, mas não em espaço ou palco, especificamente, a sociedade de Genebra não conhecia teatro fechado. Ao contrário do que afirmava D’Alembert que o moralismo dos ministros e magistrados não havia permitido a implantação do teatro, Rousseau sabia que a proibição não era contra o teatro em si, nem somente por causa dos religiosos, mas devido à tradição do povo.

²⁵ Rousseau, J-J. **Cartas escritas da montanha**. Tradução e notas Maria Costança Peres Pissara... et al. São Paulo: EDUC: UNESP, 2006. p. 170.

4.2. O bom costume do lazer no trabalho

Em Genebra o trabalho não era considerado um fardo, mas um passatempo, nos momentos de lazer as atividades apetecíveis estavam relacionadas ao ofício de cada cidadão, por exemplo, o relojoeiro em seu tempo livre continuava a se preocupar com suas invenções e consertos. Deste modo não era árduo, cansativo ou sofrido, a labuta tornava-se um momento de lazer durante o dia. A recompensa ao cansaço do corpo no final do dia era um descanso nos lares. Nessa república o trabalho era uma dádiva divina, não um castigo a queda dos homens. Se fosse instalado um teatro na cidade essa concepção e costumes se modificariam para sempre, não restando nenhuma boa lembrança do trabalho que de provedor e amigo passaria a ser um vilão que priva dos prazeres do mundo. O filósofo Cícero fala muito bem dos sentimentos dos romanos pelo trabalho, o que se assemelhava com os sentimentos que os genebrinos tinham pelos seus ofícios, o qual Rousseau deu destaque em sua carta. Também em sua obra o senador romano Cícero afirmou:

O sofrer trabalhos e dores não é algo que atraia por si mesmo; e tampouco o é a paciência, ou a assiduidade, ou as vigílias, ou a própria indústria que tanto se pondera, as quais, porém, nos servem de meio para viver livres de temor e de cuidado, e para, quando nos seja possível, livrar de perturbações o nosso espírito e corpo.²⁶

O filósofo suíço considerou o distanciamento dos trabalhadores as suas ocupações, como, o primeiro prejuízo que a cidade sofreria com o teatro.

Além de despesas extras que a população teria para participar dos espetáculos, precisar-se-ia de uma equipe remunerada para desobstrução das vias públicas facilitando o acesso ao teatro durante o dia, boa iluminação e em tempo maior durante a noite. Bom, essas seriam algumas despesas que a administração pública teria que arcar. Nas famílias o prejuízo financeiro era maior, como era de costume o espetáculo não se resume a apenas aos atores e peças, mas também nas recepções dos espectadores. Os membros familiares precisavam de roupas novas, as esposas comprariam os melhores vestidos. A presença das pessoas, já seria um espetáculo. Existiria uma disputa pelas atenções, portanto o luxo teria o cenário perfeito para se usufruir na vaidade dos favorecidos. O espetáculo proporcionado pelo luxo era nocivo para qualquer civilização, além de invocar atenções desnecessárias dentre está os invasores e ladrões.

²⁶ Cícero, Marco Túlio. **Do sumo bem do sumo mal**: (de finibus bonorum et malorum). Tradução Carlos Ancede Nougué – São Paulo: Matins Fontes, 2005. p. 21.

Na obra *A República de Platão*, há um alerta para essas questões. O acúmulo de bens e a concentração de riquezas é criticada pelo filósofo grego. Na *Carta a D'Alembert sobre os espetáculos*, Rousseau também critica essa postura. A ociosidade não fazia parte da natureza dos cidadãos de Genebra. O teatro nessa república desencadeava e exaltação do ócio inútil e o desprezo ao trabalho como atividade de lazer. Não há momento mais destrutivo ao povo do que o apreço pelas paixões e excessos, observação que faz parte da tradição filosófica e que ainda se mantém no projeto rousseauiano. O comentarista Franklin de Matos demonstra isso:

O mal que se censura ao teatro não é o de “inspirar paixões criminosas”, mas o de dispor a alma a sentimentos ternos em demasia, satisfeito em seguida à custa da virtude. “Assim, elas [as doces emoções] são inocentes ou criminosas apenas pelo uso que delas fazemos segundo nosso caráter, e esse caráter é independente do exemplo” Entretanto, admitindo-se, para argumentar, que fosse verdade que no teatro só se pintam paixões legítimas, Rousseau indaga se acaso daí decorre que suas expressões sejam menos perigosas, como se as vivas imagens de uma ternura inocente fossem menos doces e sedutoras, menos capazes de inflamar um coração sensível que as de um amor “criminoso”, ao qual o horror do vício serve ao menos de contraveneno. Se a idéia de inocente embeleza por alguns instantes o sentimento que ela acompanha, logo as circunstâncias se apagam da memória, enquanto a impressão de uma paixão tão doce permanece gravada no fundo do coração. Numa palavra, o efeito dos amores permitindo no teatro é transformar uma ação honesta em um exemplo de corrupção.²⁷

As paixões e vícios são responsáveis pela decadência dos homens. Rousseau aponta sua visão acerca desses vícios e paixões. Na roda de amigos embriagados, não há nenhum mal, ao contrário do que acontece com as companhias de teatro. O motivo dessa crença são os costumes. Uma cidade possui suas regras e comportamento, ainda que homens bêbados exagerem nos excessos, as bases e os fundamentos daquelas pessoas, já se leva em consideração essas posturas.

O que não fere os princípios morais de natureza de um povo. Um homem embriagado depois de conversas com amigos, não perderia a dignidade de um bom pai, filho ou marido. Portanto um comediante nessas condições ou mais sóbrios, só trás prejuízos à sociedade. O motivo era o desprezo, a bondade e virtude. Por isso o comentarista Bento Prado Junior observou:

A situação do comediante é assim definida como *alienação*, perda do ser em proveito do representado – o jogo da representação como duplicação, mas sobretudo como pagamento da presença – só tem virulência moral e prática porque pode ligar-se imediatamente à virtualidade da prática social dada que o precede. Toda

²⁷ Matos, Franklin de. **A cadeia secreta: Diderot e o romance filosófico**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. p. 28.

sociedade encena uma espécie de teatro implícito que a institucionalização do espetáculo vem despertar e, por assim dizer, purificar e tornar hiperbólico.²⁸

Essa *alienação*²⁹ está relacionada à abstenção da participação cívica, o apagamento da presença, à fuga dos ofícios, funções e responsabilidades, o mesmo que acontecia com o imperador romano Nero em suas representações teatrais.

O comediante exalta o ridículo, sua finalidade era criticar os membros de uma sociedade por intermédio da representação. Onde ocorre o maior dos erros, os bons cidadãos não escapam das chacotas. Homens patriotas, veteranos de guerra e anciões dotados de sabedoria em um palco de comédia seriam representados como velhos lunáticos, deste modo nenhum jovem daria a devida consideração as palavras dos sábios homens.

Nessas peças os sátiros seriam os vitoriosos, ladrões e trapaceiros seriam desprovidos da vergonha e honra. A juventude diante dessas apresentações passaria pelo processo de doutrina dos comediantes. O divertimento não educa, e a educação não diverte. Enquanto os jovens estariam se divertindo nos espetáculos de comédia, abandonariam os bons costumes, desprezariam o ensino de seus pais. Não haveria leis e família. Os mesmos seriam dados aos vícios e paixões sem o menor rigor. Não possuiriam o bom senso e a noção dos limites. Agiriam no instante e pelos impulsos. É muito provável que uma república como Genebra não suportaria tal mudança moral.

As comediantes também são criticadas por Rousseau, o principal motivo era a má influência que causaria nas mulheres de família. As senhoras eram guardiãs da moral, e passavam para as mais jovens a conduta e boa postura dentro da sociedade. Ensinando-lhes a serem boas filhas, esposas e mães. Donzelas prendadas eram resultantes da educação adquirida durante o convívio com outras mulheres da comunidade.

As fofocas das velhas senhoras era algo bom. Mesmo sendo um incômodo para aqueles que eram citados nessas rodas, a reunião entre amigos é bom. Deste modo as senhoras fofoqueiras impunham o respeito de todos, quem estava diante delas parecia que estavam diante inquiridoras. Logo policiavam as pessoas da comunidade, exigiam dos membros das famílias o respeito e consideração. O impacto que essas mulheres teriam diante uma comediante modificaria a estrutura construída durante séculos dentro daqueles grupos.

²⁸ Prado Junior, Bento. **A retórica de Rousseau e outros ensaios**. Organização e apresentação: Franklin de Matos. São Paulo: Cosac & Naify, 2008. p. 292.

²⁹ O sentido aplicado está relacionado ao distanciamento a participação cívica, ou seja, estar alheio às questões que envolvem o funcionamento da própria sociedade e sua organização.

As comediantes não guardam palavras em situações de conflitos e provocações. A afronta era bandeira de uma sátira. Não mediam esforços para tornar ridícula a rival em uma discussão. Uma comediante não hesitava ficar despida em público exibindo sua beleza, causando inveja nas esposas que sentadas ao lado de seus maridos sentiam vergonha não pela nudez da outra, mas pelo olhar de luxúria dos cônjuges que pareciam lamentar por não ter em sua cama uma musa de corpo invejável.

As jovens também podiam se espelhar nas respostas dadas pelas comediantes, e seguindo seus exemplos começasse a responder aos seus pais. O que dirá das esposas revoltadas com seus maridos. Tratariam com hostilidade o patriarca do lar. Exortando-os por possuírem o amor fora do casamento, se aproveitariam da emoção afetiva e usurpavam o apoio dos filhos a seu favor, como mães seriam vitoriosas tornando-se a única “rainha do lar”, sem a submissão as decisões de um “rei”, sendo o costume da organização familiar mudado para sempre.

4.3. As festas cívicas

O filósofo genebrino apreciava as festas cívicas eram um evento útil para a população e que ao contrário do teatro fechado com suas representações nocivas à sociedade, as festas populares davam aos cidadãos a oportunidades de demonstrar seus talentos. Sendo reconhecidos pelos cidadãos através de suas habilidades. Um artesão sentia orgulho de seu trabalho, tendo-o como lazer e compensatório, se considerar a atenção que as pessoas atribuiriam para as obras. Além da venda dos produtos frutos de um talento. Não somente um artesão, mas outros profissionais também teriam essa oportunidade.

Se as representações não são estimadas por Rousseau, os espetáculos são, pois devem possuir um objetivo e utilidade para a sociedade. Em seus questionamentos Jean-Jacques diz:

Quais serão, porém, os objetivos desses espetáculos? Que se mostrará nele? Nada, se quisermos. Com a liberdade, em todos os lugares onde reina a abundância, o bem-estar reina também. Plantai no meio de uma praça uma estaca coroada de flores, reuni o povo e tereis uma festa. Ou melhor ainda: ofereci os próprios espectadores como espetáculo; tornai-os eles mesmos atores; fazei com que cada um veja e se ame nos outros para que com isso todos fiquem mais unidos. Não preciso citar os jogos dos antigos gregos: há outros mais modernos, há os que ainda existem, e os descobri justamente em nossa cidade.³⁰

³⁰ Rousseau, J-J. **Carta a D’Alembert sobre os espetáculos**. Tradução: Roberto Leal Ferreira, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. p. 128.

Nessas festas os bons costumes seriam exaltados, o gosto pelo luxo esquecido e as paixões nocivas abandonadas, porventura essa seria uma tentativa de remontar uma postura clássica que os bárbaros tanto almejavam adquirir.

Um grande incentivo para as apresentações seria as premiações. Os duelistas não precisariam desafiar homens para demonstrar a honra, bastaria uma competição de espadas, deste modo todos reconheceriam sua habilidade, os treinamentos e a dedicação para as disputas o privariam da vontade desenfreada para lutas desnecessárias. Os dançarinos também teriam seu concurso, os melhores, além de presentear seus espectadores com os movimentos mais perfeitos, receberiam premiações que incentivassem o aperfeiçoamento.

O concurso de beleza não poderia ser esquecido pela população, aliás, essa seria a atração mais aguardada do evento. A premiada seria uma jovem, além da beleza física, outros fatores deveriam constituir sua aprovação diante dos juízes, uma donzela obediente aos seus pais, e que fosse de boa índole o rapaz que a cortejasse, educada ao falar e andar dominasse os conhecimentos necessários para uma futura boa esposa, uma inteligência para a educação de seus filhos. Ao decidirem a moça vencedora, o cortejo de celebração expressaria o deleite que a sociedade teria na preservação da sua moral e os bons costumes.

Os comediantes com suas paixões e vícios não teriam nenhum lugar de destaque ou reconhecimento, logo não seria possível destruir, os lares exemplares e nem destituir os patriarcas, ou atribuir título às mulheres rixosas, as moças da cidade se espelhariam na campeã e seguiriam seu exemplo.

Nas festas populares várias famílias se encontrariam num ambiente perfeito para trocar de olhares entre jovens que buscam o amor na sua sublime essência. Onde as jovens donzelas eram apresentadas para a sociedade. Nos bailes de dança, os casais demonstram sua sintonia, as jovens premiadas e reconhecidas por suas virtudes. Teriam as oportunidades de escolher o melhor pretendente. O momento para os rapazes cortejarem as jovens. Mediante as relações desenvolvidas, os pais de ambas as famílias poderiam negociar dotes e detalhes de um casamento.

Deste modo a jovem não seria desonrada. Um namoro com as observações dos pais contribuiria para a honra entre as futuras famílias. Isso reduziria a fuga entre moças, porque não seria uma relação pautada nos bens e interesses, mas em um significado. As festas populares seriam a expressão do sentimento que constitui uma sociedade. Sentimento que o teatro fechado não conseguiria reproduzir. Os espectadores eram participantes e atrações

nessas reuniões. Essas manifestações culturais proporcionariam o convívio entre as famílias, dando a chance de se relacionarem.

Na Grécia e Roma antiga, a cidade para manter sua identidade também se utilizava dos festejos e outros eventos abertos para fortalecer a relação de convívio. Nesses ambientes abertos não há espaço para a luxúria e a expressões de desejos nocivos para as habilidades da república.

As cerimônias de casamento poderiam ser marcadas para as festas da cidade, apresentando a nova família para a comunidade. Aqueles que saíram de sua terra natal retornariam para as comemorações dos entes queridos, recordando e mantendo uma ligação com suas origens. Esses sentimentos trazem elos permanentes entre famílias distantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há como instituir uma sociedade sem representação, a organização social em si é representativa, é possível utiliza-la para os bons costumes, não a empregando na inutilidade como o gosto pelo luxo e prazeres efêmeros dados pelas paixões e vícios. Desde povos clássicos como gregos e romanos, especificamente os romanos que possuem ligações históricas diretas com os republicanos de Genebra. Evitar equívocos cometidos pelos antigos era a preocupação de alguns modernos, dentre os quais: Jean-Jacques Rousseau. O celebre cidadão que defendia a honra, o amor à pátria, a virtude de governantes, guerreiros, jovens e anciãos. Desprezando as tradições e imposições estrangeiras que ameaçam a harmonia dos moradores das comunidades nos Alpes suíços.

A representação poderia ser o bastante para que o homem venha ser exortado na frente de todos e que servirá de exemplo para que ninguém cometesse aquele mesmo crime. Deste modo não seria mais necessárias execuções, caso alguém falasse ou criticasse a coroa ou qualquer outro poder político, a punição representativa bastava. Deste modo a representação suplantava toda lesão física, porque atingiria moralmente um individuo que não teria nem credibilidade diante de seus conterrâneos ou até familiares. Sendo a vergonha o maior mal que atingiria um homem. Porventura, seja esse o resquício de uma breve bondade ainda existente, se preservado nas crianças não existiria mais uma sociedade de opacidade, mas a tentativa de manter a transparência original no individuo. Garantindo-lhes uma relação com as divindades, os esconderijos já não seriam mais utilizados e todos viveriam em plena transparência como os cristais que ao mesmo tempo são duros (fortes) e transparentes.

O filosofo não era contra o teatro, apenas se opunha a um modelo, acreditava que era possível compreender os segredos e paixões através das manifestações artísticas dentre as quais o teatro. Não esquecendo que não deveriam servir de modelo para organizar uma sociedade que já possui seus costumes estabelecidos. Citando Jean-Jacques Rousseau:

O teatro, em geral, é um quadro das paixões humanas, cujo original está em nossos corações: mas se o pintor não se preocupasse em adular essas paixões, os espectadores logo iriam embora e não mais quereriam ver-se sob uma luz que os levaria a se desprezarem a si mesmos.³¹

³¹ Rousseau, J-J. **Carta a D'Alembert sobre os espetáculos**. Tradução: Roberto Leal Ferreira, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993. p. 41.

O teatro pode revelar as paixões, é preciso está preparado para observá-lo de forma crítica, o que não parece uma tarefa feita dos todos, mas se o fizer aprenderiam e não se divertiriam.

O estado natural não retorná por causa da corrupção, mas a tentativa de reconhecer a bondade no outro, já muito seria útil, derrubando toda desconfiança, mediante a superação através das verdades reveladas (razão ou reflexão). No teatro a representação poderia ser utilizada para educar e formar a juventude, as virtudes necessárias para uma boa pátria com cidadãos compromissados com a verdade e o bem de todos. A crítica ao teatro de modelo francês era referente à concepção de formação dos espectadores, a representação deveria ser utilizada para a vivência dos moradores da cidade de demonstrar as habilidades existentes naquele espaço.

Rousseau não queria meros espectadores de uma peça, mas participantes de uma festa que propunha relatar os sentimentos presentes na cidade, desde a conversa de amigos, comentários das velhas senhoras e os romances na imaginação de belas donzelas. Todos juntos compartilhando suas vontades, necessidade e expurgando desejos e exortando lideres, seja através de comédias, seja por intermédio de tragédias, algo que esteja de acordo com o costume afeiçoamento do povo. Obviamente como Genebra no passado já tinha conhecido o teatro principalmente por ter sido colônia romana, e estadia de veraneio de imperadores, além de uma boa localização estratégica para batalhas. O que possibilitou o desenvolvimento histórico da região.

Nos teatros fechados, algumas pessoas muito importantes da região eram acusadas de frequentar esses lugares dizem que até celebridades políticas dentre suposto opositores ao teatro se opunham a decisão da maioria e secretamente visitavam tais lugares. A ameaça da invasão desses palcos era mais evidente, o temor de Rousseau parecia está correto, o luxo desnecessário desencadearia um gosto por algo efêmero. A vida na cidade mudaria drasticamente.

A transparência em seu resquício não seria mais recuperada, a juventude não lutaria mais pela pátria e os velhos honrados seriam ridicularizados pelos comediantes. A representação que poderia ser utilizada em seu projeto inicial para o bem já não estaria mais entre cidadãos puros e desprovidos de um mal advindo da corrupção das almas. Ao contrário o representar não seria utilizado para o bem, mas banalização de uma estrutura construída, onde todos outrora eram felizes, e que a partir daquele momento seriam desligados da

inocência como um filho desligado de sua mãe, que no passado via sua nudez e tomava os cuidados para proteção de sua cria.

Seria como Édipo afastado de sua mãe Jocasta, início de uma tragédia eminente. Ao tirar da rotina um genebrino o equilíbrio da república estaria ameaçado, seja um jovem soldado patriota ou velho embriagado nas tabernas da província suíça. Deste modo todos estariam condenados a viver dentro de uma corrupção. Onde as propriedades seriam possuídas através da palavra dos poderosos tendo como guarda a força de homens doutos em uma linguagem que convencesse a muitos.

O reconhecimento do outro para aceitação de si, é o que transformou essa estrutura em corrupta, na infância de Rousseau a negação de algo mesmo que seja uma afirmação verdadeira seria inútil se o outro não a considerasse como tal. A formação desses indivíduos tendenciosos a transparência era mudada deste a escola e o vínculo familiar, e a relação com professores e pais era uma submissão descompromissada com as revelações não-arentes. Se esse resquício da natureza boa fosse preservado a representação poderia ser utilizada para educação dos jovens, crianças e entretenimento para toda a família. Sendo apresentada em festas cívicas e representações teatrais teria um valor de fato para o bem comum de todos na cidade. Genebra poderia experimentar a liberdade proporcionada pela arte, porém o modelo fechado francês não estaria de acordo com as concepções de seu projeto.

A filosofia no palco no XVIII alcançou varias esferas da época remontando desde a tradição antiga aos modernos. As contribuições de Rousseau foram inestimáveis na tradição filosófica, na *Carta à D'Alembert sobre os espetáculos* é evidente um projeto preocupado com a educação, virtude e festas cívicas. O homem bom é puro, inocente e nu, não há vergonha não tem culpa e nem tem ideia de condenação. Construindo alguém assim tem-se a sociedade ideal onde o “selvagem” pode ser feliz. E a sofisticação apenas uma ferramenta, já que o estado atual é melhor que o anterior, ou seja, é possível ser um homem do campo, possui boa educação e formação e ao mesmo tempo contrito, sem o gosto pelo luxo.

. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Cícero, Marco Túlio. **Do sumo bem do sumo mal:** (de finibus bonorum et malorum). Tradução: Carlos Ancede Nougé – São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- Matos, Franklin de. **A cadeia secreta:** Diderot e o romance filosófico. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.
- Platão, **A República.** Organização e tradução: J.Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- Prado Junior, Bento. **A retórica de Rousseau e outros ensaios.** Organização e apresentação: Franklin de Matos. Tradução: Cristina Prado. São Paulo: Cosac & Naify, 2008.
- Rousseau, J-J. **Carta a D’Alembert sobre os espetáculos.** Tradução: Roberto Leal Ferreira, Campinas, SP: Editora da Unicamp,1993. Apêndice: verbete “**Genebra**”.
- _____ . **Cartas escritas da montanha /** Jean-Jacques Rousseau; trad. e notas Maria Costança Peres Pissara... et al. – São Paulo: EDUC: UNESP, 2006.
- _____ . **Discurso sobre as ciências e as artes.** *Coleção os Pensadores.* Tradução: Lourdes Santos Machado, São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____ . **Do contrato social ou princípios do direito político.** *Coleção os Pensadores.* Tradução: Lourdes Santos Machado, São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- _____ . **Prefacio à Narciso ou amante de si mesmo.** *Coleção os Pensadores.* Tradução: Lourdes Santos Machado, São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- Starobinski, Jean. **Jean-Jacques Rousseau: A transparência e o obstáculo; seguido de Sete Ensaio sobre Rousseau.** Tradução: Maria Lúcia Machado – São Paulo: Companhia das Letras, 1991.